Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho" Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

O Gato Preto

Com respeito á historia singularissima que vou escrever, não espero nem solicito a crença do leitor. Realmente, seria loucura esperal-a num caso em que eu mesmo, não posso acreditar o que vi. Comtudo, não estou doido; e por certo que não sonho.

Vou morrer amanhã; por isso quero hoje descarregar a consciencia. O meu designio immediato é patentear ao mundo, clara, succintamente e sem commentarios, uma série de simples acontecimentos domesticos; acontecimentos terriveis, cujas consequencias funestas me conduziram ao anniquilamento. Não tentarei, porém, explical-os: para mim não encerram senão horror! Muitas pessoas achal-os-ão mais extravagantes que terriveis. Um dia, apparecerá, talvez, alguma intelligencia que reduza o meu fantasma á classe dos objectos communs: uma intelligencia mais tranquilla, mais logica e muito menos excitavel que a minha, a qual não verá nas circumstancias, que narro com pavor, senão uma successão ordinaria de causas e de effeitos muito naturaes.

Na minha infancia e mesmo depois, fui conhecido por uma humanidade de caracter e por uma sensibilidade tão excessiva que chegava a fazer de mim o joguete dos outros rapazes. Pelos animaes, sobretudo, tinha uma ternura particular. Meus paes tendo-me dado licença de possuir uma grande variedade delles, passava eu a maior e a melhor parte da minha vida a tratal-os e a afagal-os. A'quelles que possuiram ou possuem um cão fiel e sagaz e que deveras o amaram ou amam, não preciso explicar a natureza e a intensidade dos gosos que se pódem tirar de uma affeição destas. No amor desinteressado de um animal; no sacrificio completo que nos faz da sua individualidade ha o que quer que seja de sublime, sobretudo para quem já teve occasião de experimentar quão mesquinha e fragil é a amizade do homem natural!

Casei-me cedo, e como tive a felicidade de encontrar em minha mulher disposições sympathicas ás minhas, a nossa collecção foi augmentada com um grande numero de favoritos domesticos. Tivemos passaros, um peixe dourado, do, coelhos, um cão lindissimo, um macaquinho e um "gato".

Este ultimo era um animal notavelmente bello e forte, e de uma sagacidade tão maravilhosa que minha mulher (que não era de todo destituida de superstição), falando da sua intelligencia, alludia muitas vezes á antiga crença popular, que considerava os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas.

Plutão (assim se chamava o gato), era o meu camarada. Não comia senão pela minha mão: andava sempre atraz de mim por toda a parte, e, mesmo na rua, não era sem custo que o impedia de me seguir.

A nossa amizade durou assim muitos annos; mas por fim, o meu caracter (pela maldita influencia da intemperança, envergonho-me de o confessar), soffreu uma alteração radicalmente má. Tornei-me tristonho, irritavel e de dia para dia mais indifferente aos sentimentos dos outros. Comecei a tratar brutalmente minha mulher, chegando até, algumas vezes, a infligir-lhe violencias corporaes. Os meus pobres favoritos, como era natural, tiveram tambem de estranhar aquella mudança de caracter. Umas vezes esquecia-me delles, outras vezes maltratava-os. Quanto a Plutão, esse inspirava-me ainda certa consideração, que me cohibia de o tratar mal, emquanto que aos coelhos, ao macaco e ao cão, não tinha escrupulo algum de os maltratar, quando por acaso ou por amizade se apresentavam deante de mim. Mas o terrivel mal atacava-me cada vez mais (qual é a paixão que se possa comparar á do alcool!) e por fim o proprio Plutão (a quem a velhice ia tornando um pouco massador) o proprio Plutão começou a experimentar os effeitos da minha metamorphose.

Uma noite, como eu voltasse muito bebado de uma dessas tabernas que habitualmente frequentava, imaginei que o gato fugia de mim. Corri atraz delle e agarrei-o; mas o pobre animal, espantado com a minha brutalidade, mordeu-me levemente na mão. Levado ao auge do furor, não me conheci mais. A minha alma original pareceu fugir, de repente, para dar entrada a uma perversidade hyperdiabolica, saturada de "gin", que me penetrou até á medulla dos ossos. Tirei um canivete da algibeira, abri-o, e agarrando o desgraçado gato pelo cachaço, tirei-lhe deliberadamente um olho!

Hoje córo, tremo de vergonha e de horror, ao escrever esta atrocidade abominavel.

Na manhã do dia seguinte, dissipados os fumos da orgia nocturna, senti uma sensação, ao mesmo tempo de horor e de remorso, pelo crime que havia praticado; mas foi apenas uma sensação fraca e equivoca, que nem mesmo chegou a attingir a alma. Novamente mergulhado nos excessos, não tardou muito que tivesse afogado no vinho até a lembrança da minha má acção.

Entretanto, o gato foi-se curando a pouco e pouco; a orbita do olho vasado apresentava sempre um aspecto repugnante, mas parecia não lhe fazer soffrer. Como era natural, Plutão fugia agora de mim com extremo terror. Ao principio, aquella antipathia evidente da parte de uma creatura que me amava com tanta dedicação, affligiu-me um pouco, porque na minha alma havia ainda um resto da antiga doçura. Mas a irritação succedeu depressa áquelle sentimento. E então, appareceu, para minha ruina final e irrevogavel, o espirito da "Perversidade".

A philosophia não se preoccupa com esta tendencia; comtudo (tão certo como a minha alma existir) creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das primeiras faculdades ou sentimentos indisiveis, que dirigem o caracter do homem. Não ha ninguem que não se tenha surprehendido cem vezes a commetter uma acção tola ou vil unicamente por saber que não a devia commetter. Todos nós temos, não obstante a excellencia do nosso raciocinio, uma inclinação perpetua para violar a lei, unica e simplesmente por ser a lei. Este espirito de perversidade, digo, veiu causar a minha quéda final. Foi este desejo intenso, insondavel, que a alma sente ás vezes de se torturar a si propria; de violentar a sua natureza; de fazer o mal, só pelo amor do mal, que me levou a continuar e por fim a consummar o supplicio do pobre gato inoffensivo.

Uma manhã, a sangue frio, atei-lhe uma corda ao pescoço com um nó corredio, e enforquei-o num ramo de uma arvore.

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Central 0518. Escriptorio: Central 1037. Redacção: Central 1017. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Edgard Poe

Enforquei-o com os olhos arrazados de lagrimas e o remorso mais pungente no coração. Enforquei-o por saber que me tinha amado e por conhecer que não me déra a menor razão de queixa. Enforquei-o por sentir que, procedendo assim, praticava um peccado; um peccado mortal, que compromettia a minha alma immortal, a ponto de a lançar (se tal fosse possivel) para além da misericordia do Deus Todo Misericordioso.

Na noite seguinte ao dia em que commetti aquella acção cruel, acordei em sobresalto ao grito de: fogo!

As cortinas do meu leito ardiam já e toda a casa estava em chammas. A destruição foi completa. Apenas escapavamos ao incendio eu, minha mulher e um creado. Toda a nossa fortuna ficou submergida.

O meu desespero foi completo.

Não procuro estabelecer ligação de causa e de effeito entre a atrocidade e o desastre; sou superior a semelhante fraqueza. Mas faço uma narração de factos, não devo omittir nenhum.

No dia seguinte ao incendio, visitei as ruinas. As paredes tinham cahido todas, excepto uma, que era justamente um tabique interior, pouco espesso, situado quasi no meio da casa e contra o qual se encostava a cabeceira da minha cama. Ali a alvenaria tinha resistido em grande parte á acção do fogo; facto que attribui a ter sido recentemente concertada. Comtudo havia-se juntado á roda daquella parede uma chusma de gente. Muitas pessoas pareciam examinar, com minuciosa e viva attenção, uma pequena parte della. As palavras: Estranho! Singular! e outras exclamações identicas, excitaram a minha curiosidade. Approximei-me e vi, semelhante a um relevo esculpido na parede branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem estava representada com uma exactidão verdadeiramente maravilhosa.

Primeiro, ao ver aquella apparição (porque não podia classificar aquillo de outra fórma) o meu espanto e terror foram extremos. Mas emfim a reflexão acudiu-me. Lembrava-me de ter enforcado o gato num jardim adjacente á casa. Aos gritos de alarme aquelle jardim havia sido immediatamente invadido pela visinhança. Provavelmente, alguem tinha dependurado o gato e atirado com elle pela janella aberta, para dentro do meu quarto, sem duvida com o fim de me acordar. A quéda das outras paredes tinha comprimido a victima da minha crueldade na substancia do estuque fresco. A cal combinada com as chammas e o ammoniaco tinham assim produzido a imagem, tal como eu a via.

Bem que a razão, se não a consciencia, ficasse satisfeita com aquella explicação, o facto surprehendente que acabo de narrar não deixou de produzir em mim uma impressão profunda. O fantasma do gato perseguiu-me muitos mezes; e durante esse periodo voltou-me á alma um meio sentimento, que parecia ser, mas que não era remorso. Cheguei a deplorar a perda do animal e a procurar pelas espeluncas, por onde agora andava, um outro favorito da mesma especie e de uma figura parecida, para o substituir.

Uma noite em que eu estava sentado, meio bebado, numa tasca mais que infame, a minha attenção foi subitamente attrahida para um objecto negro, collocado sobre um dos immensos tonneis de "gin" ou de "rhum" que constituiam a mobilia principal da sala. O que me surprehendeu foi que, estando eu a olhar para o topo do tonnel, haveria já uns seis ou sete minutos, só agora houvesse descoberto o que lá estava em cima. Approximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto, enorme, pelo menos do tamanho de Plutão; exactamente semelhante a elle, excepto num ponto. Plutão não tinha um pello branco em todo o corpo e aquelle tinha uma grande malha branca, mas de uma fórma indecisa, que lhe cobria a região do peito.

Apenas lhe toquei, levantou-se, rosnou prolongadamente, esfregando-se pela minha mão, e pareceu encantado com a importancia que eu lhe dava. Disse logo ao taberneiro que lh'o comprava; mas o homem respondeu-me que o gato não era delle, que o não conhecia, que era a primeira vez que ali vinha.

Continuei a fazer-lhe festas, e quando voltei para casa, o animal acompanhou-me; de vez em quando, pelo caminho, abaixava-me para o acariciar. Apenas chegámos, procedeu como se estivesse em sua casa, e tornou-se desde logo o grande amigo de minha mulher. Pela minha parte, ao contrario do que eu mesmo esperava, comecei immediatamente a antipathisar com elle; não sei como, nem por que. Os seus carinhos aborreciam-me, quasi me desagradavam. Pouco a pouco, aquella sensação de aborrecimento converteu-se em aversão.

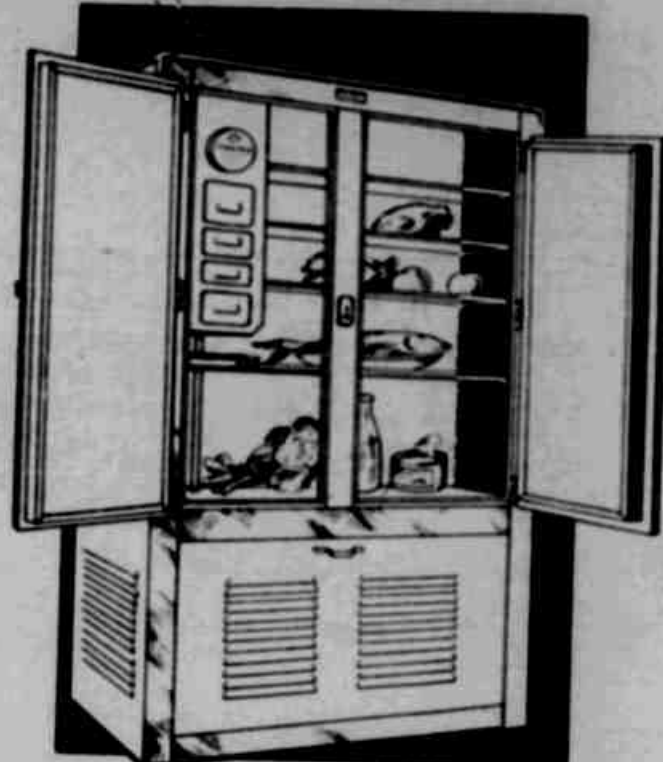
Comtudo, a lembrança do meu primeiro acto de crueldade e tambem certa vergonha impediram-me de o maltratar. Durante alguns mezes abstive-me de lhe bater ou de o repellir com brutalidade; mas gradualmente, insensivelmente, apoderou-se de mim tal horror pelo animal, que cheguei a não poder tolerar a sua presença. Odiei-o, profundamente, e, não querendo aggredil-o, fugi delle como da peste.

O que contribuiu indubitavelmente, para a minha aversão pelo gato, foi a descoberta que fiz, na manhã seguinte, á noite em que o trouxe para casa, de que, como Plutão, tambem elle havia sido privado de um olho. Essa circumstancia, todavia, ainda o fez querer mais de minha mulher que, como já disse, possuia a um gráo elevadissimo a ternura de sentimentos que noutro tempo fôra a minha feição caracteristica e a fonte perenne dos meus simples e innocentes prazeres. Comtudo, a affeição do gato por mim parecia augmentar na razão directa da minha aversão por elle. Seria difficil descrever a pertinacia com que me seguia. Se me sentava, enroscava-se debaixo da minha cadeira ou saltava-me para cima dos joelhos, prodigalisando-me as suas detestaveis caricias; se me levantava, mettia-se pelo meio das pernas, a ponto de quasi me deitar no chão, ou trepava por mim acima, enterrando-me no fato as garras compridas e agudas. Naquelles momentos o meu desejo era matal-o; e não era só a lembrança do primeiro crime que me impedia de o fazer, mas sim, devo confessal-o, o verdadeiro terror que o animal começava a inspirar-me.

(Conclue no proximo numero).

que documenta o grande valor do refrigerador

Copeland

Saudavel
Economico
Silencioso
Electrico
Sadio
Hygienico
Pratico
Confortavel
Moderno
Perpetuo
Secco

PEÇAM A VISITA SEM COMPROMISSO DO NOSSO REPRESENTANTE

AEG

Phone Norte 1688 — Ramal 16

AEG Cia. Sul Americana de Electricidade
RIO DE JANEIRO

RUA GENERAL CAMARA, 130 E 134

O que distingue a casa DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A. DORET

5, Rua Alcindo Guanabara, 5 — Telephone Central 2431

RIO DE JANEIRO

Clinica Medica de "Para todos..."

FLUXÃO DENTARIA

As manifestações fortissimas da carie dos dentes e as periostites produzidas por diversas causas morbidas determinam o engorgitamento do tecido cellular das gengivas e do rosto.

E' a "fluxão dentaria", — estado pathologico oriundo da irritação da polpa dos dentes ou da membrana que os envolve internamente.

A fluxão das gengivas é caracterizada pela vermelhidão viva, com fortes dôres, semelhando picadas; depois, manifesta-se o engorgitamento, mais ou menos extenso muito duro ao principio e amollecendo, pouco a pouco, até se transformar num verdadeiro abcesso, dentro do espaço de cinco a seis dias, caso não seja vigorosamente combatido.

A fluxão do tecido laminoso da face tem symptomas inflammatorios mais pujantes. As dôres chegam ao extremo da violencia, ao ponto de ser preciso o emprego da morphina. Entretanto, o estado inflammatorio agudo cessa, quasi sempre, depois de formado o abcesso, quando não foi possivel impedir a formação, por meio do tratamento apropriado ao caso.

Algumas vezes a fluxão apparece, mesmo depois da extracção do dente cariado e, nesses casos, tem sempre caracter violento.

Outras vezes, a fluxão apresenta o aspecto phlegmonoso, não passando de simples manifestação edematosa, completamente desacompanhada de phenomenos dolorosos.

O antigo tratamento da "fluxão dentaria" — sangria ou sanguesugas — hoje, está inteiramente abandonado.

Actualmente é combatida a inflammação por outros methodos, devendo a acção therapeutica se desenvolver em seguida ao apparecimento dos primeiros symptomas.

O estado febril intenso que, em regra, acompanha o inicio da inflammação exige que se prescreva o emprego moderado dos saes de quinina.

Si a fluxão é limitada ás gengivas, são uteis as lavagens buccaes prolongadas, com um decocto de malvas e papoulas, tendo um pouco de chlorato de potassio, de bi-borato de sodio ou de sal de cozinha.

Nos casos mais graves, isto é, quando o estado pathologico se distendeu, vindo comprometter francamente o rosto, é necessario, além dos meios therapeuticos já citados, combater a inflammação do tecido laminoso, empregando em uncções na região attingida: extracto de meimendro 1 gramma, iodureto de chumbo 2 grammas, pomada de belladona 20 grammas.

CONSULTORIO

Gorette (S. Borja) — Havendo o excesso que referiu, use, no momento preciso, um comprimido de mamelina pela manhã e á noite. Como fortificante deve usar "Prosthenase Galbrun" — doze gottas, num calice dagua assucarada, depois de cada refeição principal. Deve fazer tambem, por semana, tres injecções intra-musculares com a "Tonikeine". Externamente empregue: tintura de iodo recentemente preparada 20 grammas, tannino 80 grammas, glycerina neutra 300 grammas, — uma colher (das de sopa), para um irrigador cheio dagua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite.

Isa (Cruzeiro) — Use um comprimido de oxycyanureto de mercurio, para um irrigador cheio dagua fria, feita a lavagem, no momento preciso, isto é, immediatamente em seguida.

J. Tybiriçá (Rio) O caso mencionado necessita de um tratamento rigoroso. Seriam proveitosos os banhos de mar, na estação que se approxima. A doente usará, pela manhã, dois comprimidos de cerebrina. Depois de cada refeição principal, tomará 2 confeitos de "Ibogaine Nyrdahl". Fará, por semana, 3 injecções intra-musculares com o "Tonudol". No momento de se recolher ao leito, empregará tres a quatro colheres (das de sopa) de "Laxamalt, num pouco dagua assucarada.

Hortencia (Petropolis) Dê á creança: terpina 30 centigrammas, tintura de lobelia inflata 2 grammas, tintura de grindelia robusta 2 grammas, benzoato de sodio 3 grammas, hydrolato

Uma exposição do Sabonete Tabarra

Aspecto da linda exposição, na conceituada Drogaria Rodrigues, á rua Uruguayana, 41, do finissimo "Sabonete Tabarra", á base de glycerina e benjoim, excellente para a cutis e para os recem-nascidos. Producto da "Perfumaria Tabarra", á rua Piauhy, 93, E. de Dentro — Rio.

de flores de laranjeira 30 grammas, xarope de angico 150 grammas, xarope de tolú 150 grammas, — uma colher (das de chá) de 3 em 3 horas. No momento de recolher a creança ao leito, dê um comprimido de "Lactal" num pouco dagua assucarada.

E. Z. R. (Itajahy) — Si os vomitos reappareceram, empregue: menthol 10 centigrammas, tintura de badiana 4 grammas, xarope de canella 30 grammas, agua chloroformada saturada 90 grammas — uma colher (das de sopa), de meia em meia hora, até obter o effeito desejado. Depois de cada refeição principal, tome uma colher (das de sopa) do "Elixir de Pepsina Mialhe".

A. N. N. A. (Angra dos Reis) — Adopte alimentação leve, abstendo-se de gordura e de todos os excitantes. Use: tintura de badiana 3 grammas, tintura de genciana 3 grammas, tintura de condurango 4 grammas, citrato de sodio 10 grammas, xarope de hortelã 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro, — meio calice, de 4 em 4 horas. Depois de cada refeição principal, tome uma colher (das de sopa) do "Elixir Eupeptico de Tisy".

R. I. N. A. (Victoria) — Continue com o regimen lacteo, e, dagora em diante, use apenas esta medicação: extracto fluido de buchu 8 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 10 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, decocto de grama 150 grammas, infuso de parietaria 200 grammas — aos meios calices, de 3 em 3 horas.

S. F. (Rio) Basta usar: terebenthina collobiasica uma ampola, acido nucleinico 1 gramma, methylarsinato de sodio 50 centigrammas, vinho de Malaga 500 grammas — um pequeno calice, depois de cada refeição principal. No momento de se recolher ao leito, use dois comprimidos de "Lactolaxine Fydau".

N. E. N. A. (Araçatuba) — A creança deve usar: tintura de quassia amara 20 gottas, tintura de calumba 20 gottas, sal de Vichy 2 grammas, benzoato de sodio 4 grammas, xarope de genciana 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — uma colher (das de sobremesa), de 3 em 3 horas.

E. D. N. (Paracamby) — Tenha o menino sempre agasalhado, evitando qualquer resfriamento. De 3 em 3 horas, faça-o tomar uma colher (das de chá) do "Xarope de Gomenol do Dr. Monteiro Vianna". Em gargarejos deve empregar: pheno-salyl 5 grammas, glycerina neutra 100 grammas — uma colher (das de sopa) num copo dagua morna.

DR. DURVAL DE BRITO.

Li-Chi-Fung

IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

COMO para tudo ha lendas, descobriu-se ha pouco a da primeira pessoa que tomou chá na China. Queiramos ou não temos de acceital-a como exacta. Era uma vez... E' preferivel começar pela genese da coisa em questão... Tanto na China como em outros paizes do mundo, existem pessoas que choram por amor e até mesmo que morrem por amor... Entre nós isso é chic e muito moderno: sómente a differença é que em logar de se deixarem extinguir languidamente como faria, talvez, uma oriental romanesca, semelhante a uma planta pobre a que faltasse o raio reconfortante do sol, tratam de sahir deste valle de decepções e de iniquidades pelo meio mais rapido e positivo do veneno ou do punhal. E o que se dá na Europa, dá-se tambem na Asia e na America. O coração é o mesmo bicho descontente em toda a parte onde palpita, — sujeito ás intemperies e ás variações do thermometro amoroso... Deste modo o pequeno e endiabrado missionario de Eros, descobriu uma das mais elegantes e aristocraticas bebidas com que as mulheres actuaes fizeram o seu uso habitual. Devido á filha sentimental de um antigo imperador da China — segundo reza a dita lenda — é que se póde saborear o chá. Ella foi portanto a mãe espiritual dos nossos deliciosos "five o'clock" a inspiradora inconsciente das confortaveis horas em que os amigos se encontram nos salões ou nas confeitarias, para gozarem a aconchegada palestra junto ao bonacheirão e discreto bule a fumegar...

Louvemos, a encantadora princeza que, com esta descoberta graciosa, nos proporcionou momentos de doçura pelos quaes os desalentados peitos de outr'ora suspiravam sem o saber. As nossas veneraveis avós, se os tivessem conhecido, teriam sido mais venturosas e lampeiras, ellas que para unico prazer apenas tinham as arrastadás tardes quando se sentavam, em frente ás casas, nas enormes cadeiras de palha, em noites esquentadas do verão carioca. Porque até elle, o matreiro, as escarneceu tornando-se mais ameno e amavel. Pobres avós que nada tiveram de bom a não ser as melancolicas historias contadas pelas escravas, emquanto as suas engelhadas mãos desfiavam os interminaveis fios dos linhos herdados.

Nada tiveram do que nós temos, as santas creaturas, e tambem nada ambicionaram por saberem de antemão que toda e qualquer ambição lhes era prohiba. Quantas chimeras nunca ousaram tornar-se realidades? Quantos devaneios ficaram abafados durante o giro dos velhos bilros e dos imperceptiveis fios tirados nos lenções preciosos? Os romances eram devorados ás escondidas como se fossem biblias satanicas para perder almas innocentes; as poesias decoradas em surdina, os jornaes percorridos pachorrentamente sem que os seus olhares, habituados a obedecer, demonstrassem o minimo vislumbre de alegria ou de surpresa...

Quando os filhos da casa não tinham permissão de escrever ou de poetar, o que poderiam aspirar as pobres? Como tudo se transformou para satisfação dos nossos dias, como tudo se modificou!...

Se os respeitaveis barbudos pudessem sahir da tumba e dar uma volta interessada pela cidade, como suas veneraveis faces ficariam enrubescidas, santo Deus! Os honestos serões foram desprezados, as leituras sãs, atiradas para o canto, os jornaes, repudiados como fastidiosos e inuteis.

Não ha tempo a perder com velharias; é marchar para a frente com o progresso. O mundo rola depressa, rolemos com elle, pois...

O unico devaneio que nos ficou vem-nos do chá.

Esse installou-se definitivamente e teve o suffragio do sexo fragil que por sua vez ficou sendo forte. Não ha ninguem que o não adore. Sim, é justo; elle é o confidente mais discreto, o amigo mais dedicado e amavel...

Ao seu calor quantos enredos astuciosos não se tramam, quantos sorrisos não se esboçam perspicazes, quantos segredos não se sussurram!...

O amor, mesmo, parece apreciar-lhe a soberana gentileza e o amor como se sabe é exigente. Dantes, as flores eram as unicas mensageiras ternas, hoje é uma chicara de chá...

Princeza dos cabellos negros que innumero beneficio fizeste ás tuas irmãs desilludidas!

Quanto ellas te devem e como merecias uma estatua que celebrizasse o teu benial invento! Se não fôsse o raminho de chá que o teu apaixonado, te offereceu, de relance, como prova de affecto, e que romanticamente mergulhaste dentro d'agua para lhe conservares a frescura, nunca teriamos conhecido o seu aroma consolador nem o seu gosto incomparavel.

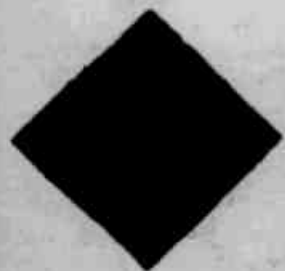
Pois essa agua bemdicta que ao tirares o ramo notaste, poderia ser bebida para apaziguar desgostos e acalmar soffrimentos.

Doce e bella Li-Chi-Fung, ou Fu-Chin-Li!

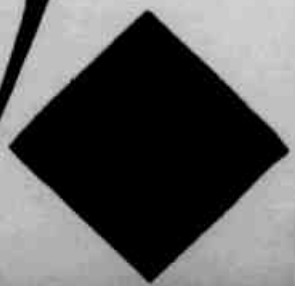
Embora os governos egoistas não attinjam o alcance de sua delicada acção, pódes crer, sonhadora habitante das regiões lunares, que a tua memoria gentil será imperecivel no coração agradecido de todas as mulheres.

EM CIMA:
A' ESQUERDA,
SENHORA
JOSE'
MARTINELLI

A' DIREITA,
SENHORITA
BARBARA
FERRAZ

EM BAIXO:
SENHORA
VALDOMIRO
DE
CARVALHO
COM
SUA
FILHINHA
MARIA

Photos
Carlos
Rosen

Quem e' Barbara Kent

★

MAMÃE Cloutman chamou papae Cloutman á granja que possuiam numa região do Oéste do Canadá, assolada pelos ventos, para uma pequena palestra. Ella estava com a cabeça cheia de cousas que pretendia descarregar.

E começou. Estava cansada de viver no isolamento. Não aturava mais a solidão. Ella e seu marido, poucos annos antes, viviam na Inglaterra, quando caira nas mãos do senhor Cloutman um prospecto de inflammada literatura, que aconselhava a todos fossem fazer fortuna na provincia de Alberta, no Canadá. Para completar a obra de tentação acompanhavam o prospecto varias photographias das grandes padarias, de campos de trigo e de familias felizes e prosperas do logarejo. E papae Clotman repentinamente sentira-se enfadado do seu trabalho em Londres.

"Lá — argumentára elle — poderemos adquirir uma fazenda, onde plantaremos trigo, teremos uma vacca, varias gallinhas e viveremos ao ar livre de Deus, longe dos terriveis nevoeiros de Londres."

E pouco tempo depois os dois deixavam os amigos saudosos e rumavam para a America — em busca daquellas immensas e seductoras pradarias. Immigrantes! Duas das 86.796 almas que partiram da Inglaterra para o Canadá, em 1906.

Após a rigorosa inspecção pelas autoridades da immigração e uma longa jornada por estradas de ferro o senhor e a senhora Julian Cloutman pisaram pela primeira vez o sólo de uma estação isolada na immensidão das florestas canadenses.

Seguiram-se varios annos de trabalho. A fazenda cresceu, as rendas augmentaram, mas a solidão era a mesma de sempre. Tudo era monotono. As longas tardes de Inverno, com os céos tingidos de amarello e vermelho pelas luzes do norte. Os lobos uivando, o vento a soprar incessantemente — e o trabalho sempre o mesmo!

Um dia veiu ao mundo, na casa dos colonos, uma linda criança de olhos azues, que recebeu o nome de Barbara. Com o correr dos annos a pequena Barbara foi desabrochando numa "girl" de belleza pouco commum. Ella aprendeu a montar a cavallo, estudou e abriu-se numa flôr esplendida dos campos de trigo, destinada, sem duvida, a passar toda a sua vida naquella longinqua região do Canadá. Foi quando mamãe Cloutman se revoltou e chamou o seu marido para uma outra conversa.

"... e sairemos daqui tão depressa consigamos vender tudo isto. Será melhor para nós e para Barbara, sobretudo para Barbara".

O impulso numero 1 foi para Barbara o primeiro de uma serie de impulsos destinada a leval-a até á vanguarda do genero humano. A familia preparou-se activamente, dispoz tudo, e demandaram San José e, um pouco mais tarde, Los Angeles, na California. Lá Barbara entrou a cursar a Hollywood High School.

Chegou a vez do segundo impulso do destino. A sua estonteante formosura começou a despertar a attenção na cidade dos films. Foi escolhida para ser Miss Hollywood numa celebração civica. Seguiu-se, após pequenissimo intervallo, o impulso numero 3. Paul Kohner, director de escolha de elenco da Universal, viu-a num leilão, procurou e conseguiu uma apresentação e convidou-a a ir ao studio, para um "test".

"Você cinematographa muito bem!"

O quarto impulso surgiu na mesma semana. Foi uma offerta de excellente contracto.

"Arranje um nome mais bonito", disse-lhe Kohner. "Cloutman e muito comprido e nada tem euphonico".

"Chamar-me-ei Barbara Kent" — foi a sua prompta resposta. "Kent era de minha mãe, quando solteira."

Eis como, com a velocidade do relampago, a pequena das pradarias, foi transportada para a California, coroada Miss Hollywood numa cidade de milhares de mulheres lindas e contractada por um studio. Ella mal acreditava na sua sorte. Entrou a trabalhar em films de "cowboys", ao lado Fred Humes e outros. Depois, fez uma heroina num film de Reginald Denny. Foi quando recebeu o quinto empurrão da sorte.

Um dia, Kohner lhe disse: "A Metro-Goldwyn deseja contractal-a para um papel em "O Diabo e a Carne", ao lado de John Gilbert, Lars Hanson e Greta Garbo. Precisa antes submetter-se a um "test"".

A pequenina flôr dos campos sentiu o sangue subir-lhe á cabeça. Chegou a ver cousas exquisitas diante dos olhos. E certamente desmaiaria não fosse rapidamente soccorrida. Os "fans" ainda estão lembrados do seu papel ao lado do grande Gilbert e da extraordinaria Greta. Pela primeira vez ella notou a extensão exacta das suas responsabilidodes. E quando, ao voltar á Universal City, a convidaram para encarregar-se da heroina do proximo film de Hoot Gibson, respondeu: "Não quero mais saber de "westerns"! Não, não e não! Já tenho delles bastante experiencia!"

E nunca mais trabalhou em "westerns". Decidiu esperar por um outro empurrão. Elles nunca haviam falhado.

"Elle virá. Saberei aproveital-o". Certa vez, ella foi a uma festa a que compareceriam varias celebridades. Viu muitas, até que avistou Harold Lloyd e Mildred Davis. Foi apresentada. Momentos depois todos viram Harold e Mildred, a um canto, conversando em voz baixa e olhando com insistencia para Barbara.

Elle procurara em Hollywood de fio a pa-

(Termina no fim do numero).

OS violinos soluçaram. Uma onda de sons voluptuosos encheu o ambiente, accendendo desejos morbidos de amar e de soffrer. Todo o cabaret applaudia freneticamente o ultimo tango argentino, quando Gustavo olhou para uma mulher, que se achava a um canto, sem beber, sem dansar e — o que lhe pareceu melhor — sem companheiro.

A mulher, sentindo-se observada, dirigiu-lhe um sorriso vago e triste.

Gustavo sorriu tambem e pensou, interiormente, que aquella mulher devia ter algum mysterio na vida. Não ha nada que tanto prenda um homem como uma mulher mysteriosa...

O ingenuo estudante de direito, sahido do candido ambiente provinciano para a vida tumultuosa da grande cidade, experimentava a emoção da sua primeira noite de cabaret.

Entrara medrosamente, timidamente, sem coragem de encarar os frequentadores do cabaret, temendo lêr em cada semblante uma reprimenda á sua acção.

A' entrada, cobraram-lhe 5$000 e deram-lhe uma "consumação". Elle não sabia o que significava. Pediu explicações e todos desandaram a rir, deixando-o ainda mais acanhado.

Sentou-se á uma mesa visinha á orchestra e tomou um "White Horse". Mais outro. E outro mais. Dahi em diante, começou a sentir-se desembaraçado, com animo para fitar as mulheres.

Aquelle sorriso, vago, triste e mysterioso, e mais um "wiskey" impelliram-no a um gesto que elle proprio admirou, enchendo-se de vaidade.

Convidou para a sua mesa a mulher mysteriosa. E ella acceitou, com outro sorriso, triste e vago.

Gustavo sentiu-se radiante. Elle, que acabara de ler o "Dom Juan", andava com a cabeça cheia de frases amorosas e já se imaginava um heróe semelhante ao de Byron.

O amor, conhecia-o apenas na literatura.

Tinha a mania de lêr novellas apaixonadas e livros sobre assumptos sexuaes, como os de Mantegazza e Forel. Ia fazer a sua estréa e de antemão estava convencido de que seria um dos grandes amorosos, cujas aventuras passam á historia, transformadas em lendas.

A mulher, tomando assento á mesa, pediu bebidas. Era argentina e louca por tangos e "wiskey and soda".

— Te gusta el tango? — perguntou a mulher do sorriso mysterioso e triste.

— Gosto dos tangos e das argentinas... — replicou o ingenuo galã.

— Trienes buen gusto, muchachito mio. Por lo que me toca, soy loca por los brasileños. No hay hombres más guapos que esos morenitos como usted...

Gustavo sorriu, lisonjeado. E tomou mais um "White Horse". A argentina tomou dois. E pediu ao maestro que tocasse um tango novo.

O estudante, lembrando-se do mysterio, indagou:

— Tens uma historia. Leio nos teus olhos e no teu sorriso triste que tens uma historia... Conta-me a tua vida.

HISTORIA DE CABARET

— Sea... Pero, es muy triste mi historia muchachito de oro. No te gustará escucharla...

— Conta-me, anda...

— Garçon, deme una bebida... Ora, muchachito, porque hablaremos de cosas poco alegres en esto ambiente?

— Dize...

— Sabes? Los hombres son muy malos.. muy malos... Escucha: mis padres murieron, dejandome huerfana, muy chiquilla... Maestro que tango és lo que usted acabó de tocar?

— "Caperucito rojo"...

— Mirate... yo fui... yo fui como la niña del caperucito rojo... Un dia, em una plaza oscura, llegó el lobo y me devoró... Garçon, otra bebida...

— E depois?

— Después, asi seguió mui triste vida. De hombre para hombre, de sufrimiento para sufrimiento, de desgracia para desgracia... hasta llegar donde me encuentras..

— Pobresinha...

— Garçon, otra bebida... Ai, no calculas, mi muchachito, como yo tengo padecido, sirviendo de juzgnete a los hombres...

— Não chores...

— Dejame llorar, que hace bien al corazon... Dejame llorar... Hasta ahora, yo no encontré um hombre que me amase, que me amparase...

— Pois ouve: estou começando a gostar de ti...

— Eso, todos lo dicen. Y, después de una semana, un mez, adios, hasta nunca!... Garçon, otra bebida...

E assm proseguiu a mulher mysteriosa. Duas palavras, dois soluços, duas bebidas...

Fazia-se tarde e Gustavo pediu a conta, 126$000.

...A Argentina havia esgotado um stock de "consumações".

Embora admirado com as cifras da conta, que nunca julgara tão elevados, Gustavo teve o escrupulo de não reclamar. Pagou, deixando ao criado uma gorda gorgeta.

Logo que foi paga a conta, a argentina pediu um "momentito" e se escapou.

Gustavo esperou-a. Mas a demora prolongada da argentina o impacienou. Resolveu ir procural-a. Andou por todo o cabaret e encontrou-a, afinal, a discutir com o "caixa".

Approximando-se silenciosamente, poude então ouvir:

— Usted no és serio. Mi percento és veinte y cinco mil reis. Si, porque el imbecil que yo segurê pagó cento y veinto e seis...

Bem parecera ao bisonho Gustavo que aquella mulher, de sorrisos tristes, tinha o seu mysterio...

DE

R. MAGALHÃES

JUNIOR

Em cima e no centro: recepção da Independencia na Legação do Uruguay

Em baixo: baile de anniversario do Club dos Bandeirantes

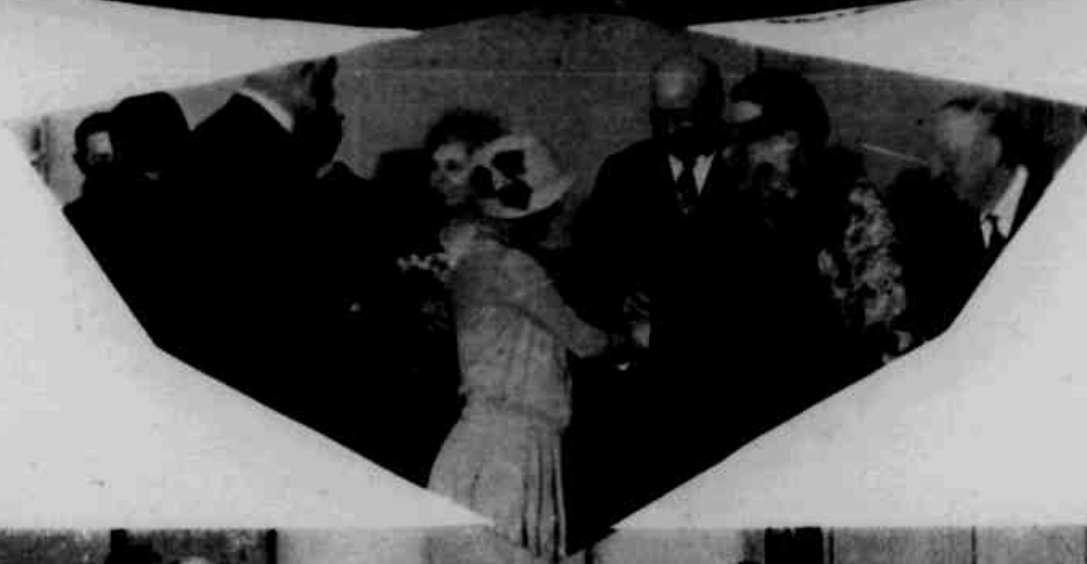
Na festa de anniversario do Club Germania

Almoço do Rotary Club

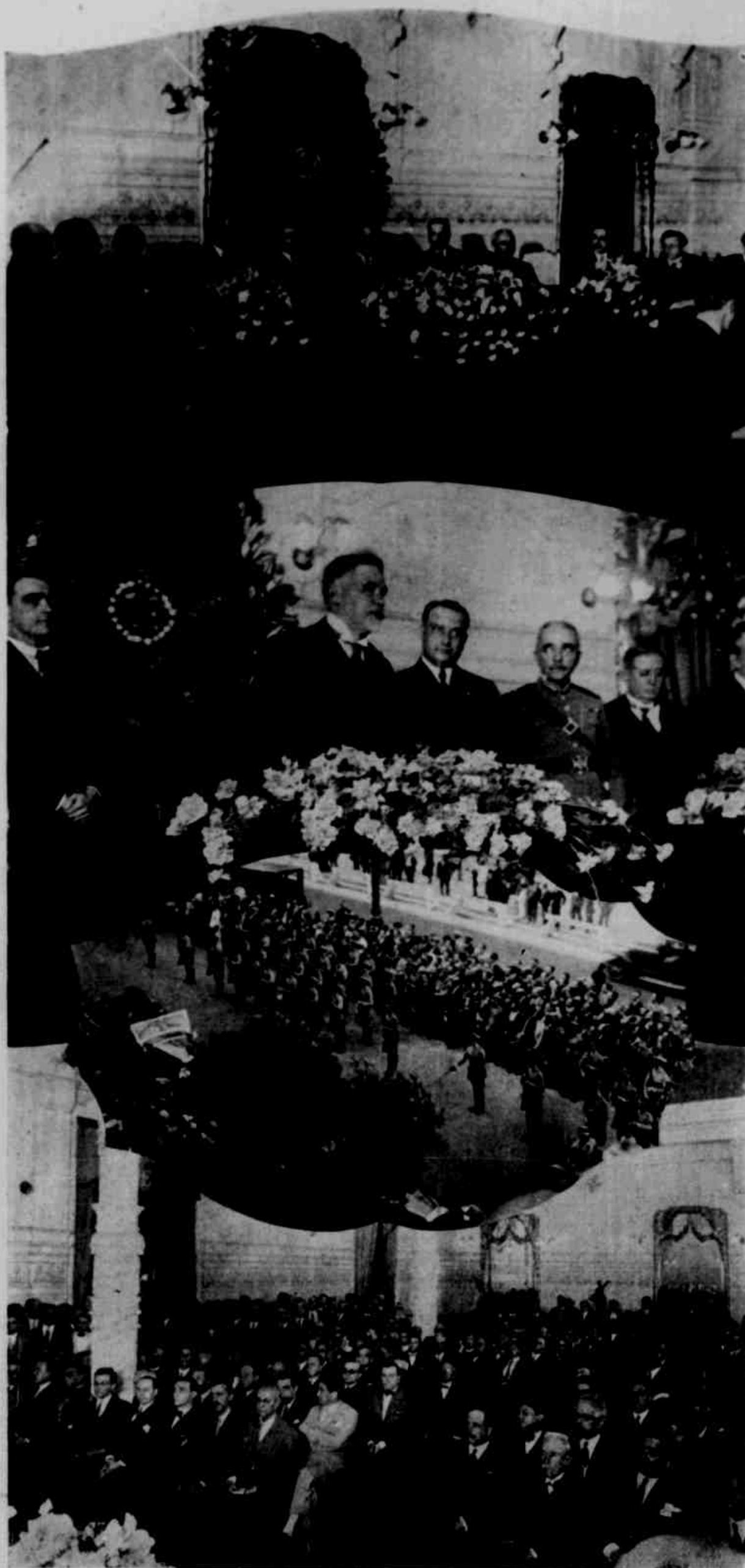
ao Embaixador Souza Dantas

Na recepção de Dona Alcina Navarro ao pianista Borowsky

Recepção offerecida á sociedade carioca pelos delegados do Segundo Congresso Pan Americano de Estradas de Rodagem.

No Hotel Gloria

24 de Agosto

O Senhor Presidente da Republica na Associação dos Empregados no Commercio

A entrega da bandeira ao Tiro da A. E. C.

Quatro instantaneos da recepção que teve o senhor doutor Washington Luis na A. E. C.

O PRESIDENTE DA REPUBLICA NA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

Em cima, o senhor Ladeira de Viveiros lendo a saudação das classes conservadoras ao Chefe da Nação. Em baixo, o senhor Washington Luis quando ia começar a sua resposta que foi varias vezes interrompida com applausos e acclamadissima no final.

DOMINGO, DEPOIS DA MISSA DAS ONZE, NO LARGO DO MACHADO.

Viagem ao redor do mundo

Sala de estar

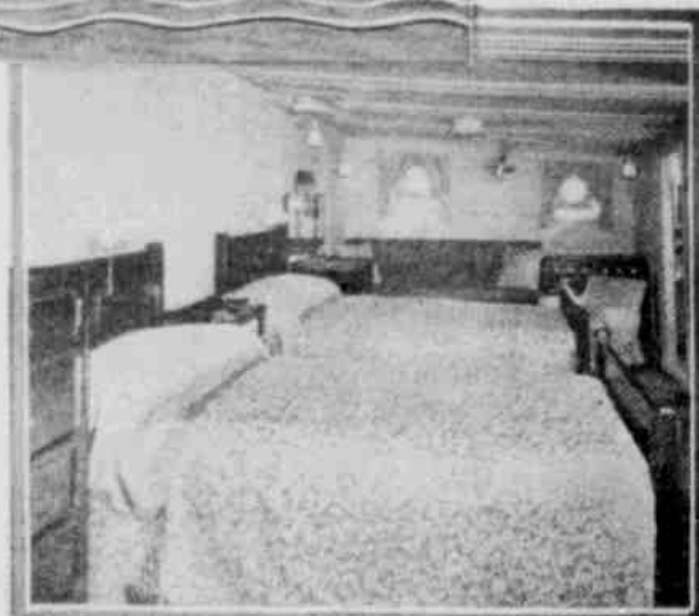
Sala de jantar

Dormitorio

Dormitorio

Hiate do millionario Cornelius Crane

Eu tenho uma Creança

Por Maria Eugenia Celso

Eu TENHO uma creança. Dependurado das franjas do abat-jour de minha meza de escrever, balança-se liliputiana gaiolinha. Ha um um palhaço chinez esquecido no braço da poltrona. Uma boneca de panno senta sobre o divan a escalada das almofadas. Um piano intrometteu-se desconcertantemente debaixo da meza e, para não pisar na louça microscopica espalhada pelo chão, tenho que bordejar entre um trem de ferro descarrillado, um cysne sem lago, um aeroplano capotado, duas bolas de celluloide e uma piorra escarlate.

Dois rabiscos de lapis scindindo a gravidade de um artigo moralista e um desastroso ziguegue de tinta inutilisando uma pagina de revista, denunciam a sua passagem pela minha escrevaninha. Uma pueril cadeirinha de vime encosta-se familiar á estante de meus livros, e, da chave da porta se balouça um florido avental de cretone. No quarto de dormir, a mesma querida desordem reveladora.

Dois sapatinhos treparam na janella. Um pé de meia arrasta-se pelo tapete. A manga da camisola pretendeu enfiar-se pelo braço da cadeira. Num recanto de penumbra o leito branco e rosa onde ella dorme e, perdida na grandeza de nossa cama, a ingenuidade desse pequenino travesseiro rendado. Eu tenho uma creança... Bem mais, porém, que todos esses engraçados objectos onde se reflecte a sua buliçosa presençazinha, fala-me della o enternecido enlevo de meu ser. Era tudo tão ordenado, outr'ora, em torno a mim!... A creança que me morava no peito já não podia senão entumescer de saudade o vasio sem consolo de minha alma... Desinteressara-me da vida. De repente, tudo se encheu de côr, de gosto, de bulha.

Agradou-me outra vez a semsaboria do mundo e conheci a olhar as cousas com dois olhos novos. Os olhos de dois annos de minha creança. Ah, como tudo ficou bonito!... Que brilho nunca visto no sol, que profundez mal pressentida no escuro da noite, que delicia insuspeitada em todas as pequenas funcções corriqueiras da existencia!... Mil inadiaveis obrigações arrancaram-me durante o dia de mim-mesma. A' noite ouço, atravez a leveza de meu somno, o imperceptivel cicio desta respiração de passarinho. Tenho a impressão que é meu coração a respirar. Um contentamento cheio de apprehensão, mas irresistivel, subleva-me a cada minuto.

Como tudo se encheu de interesse!... Tenho uma creança... tenho uma creança...

Quedo-me ás vezes a olhal-a no espanto deslumbrado de a ter. Enche-me os olhos com a sua lindeza.

Com quem se parece?... Ha momentos em que se me afigura differente de todas, estranha quasi... Mas levanta a rir os cilios doirados... sinto um baque no peito... Sou eu, meu Deus!... Reconheço-me. Sou eu a me olhar pela candura luminosa daquelles olhos... Quem te desvendará mysterio da expressão que, de subito, torna tão minha para mim a minha filha?...

E o que houve no universo para assim radiosamente haver mudado a face das cousas?... Houve entre meus braços este corpinho de sêda, a puericia desta suspeita de bocca, a viveza destes olhos, a responsabilidade, desta alma... Houve uma creança.

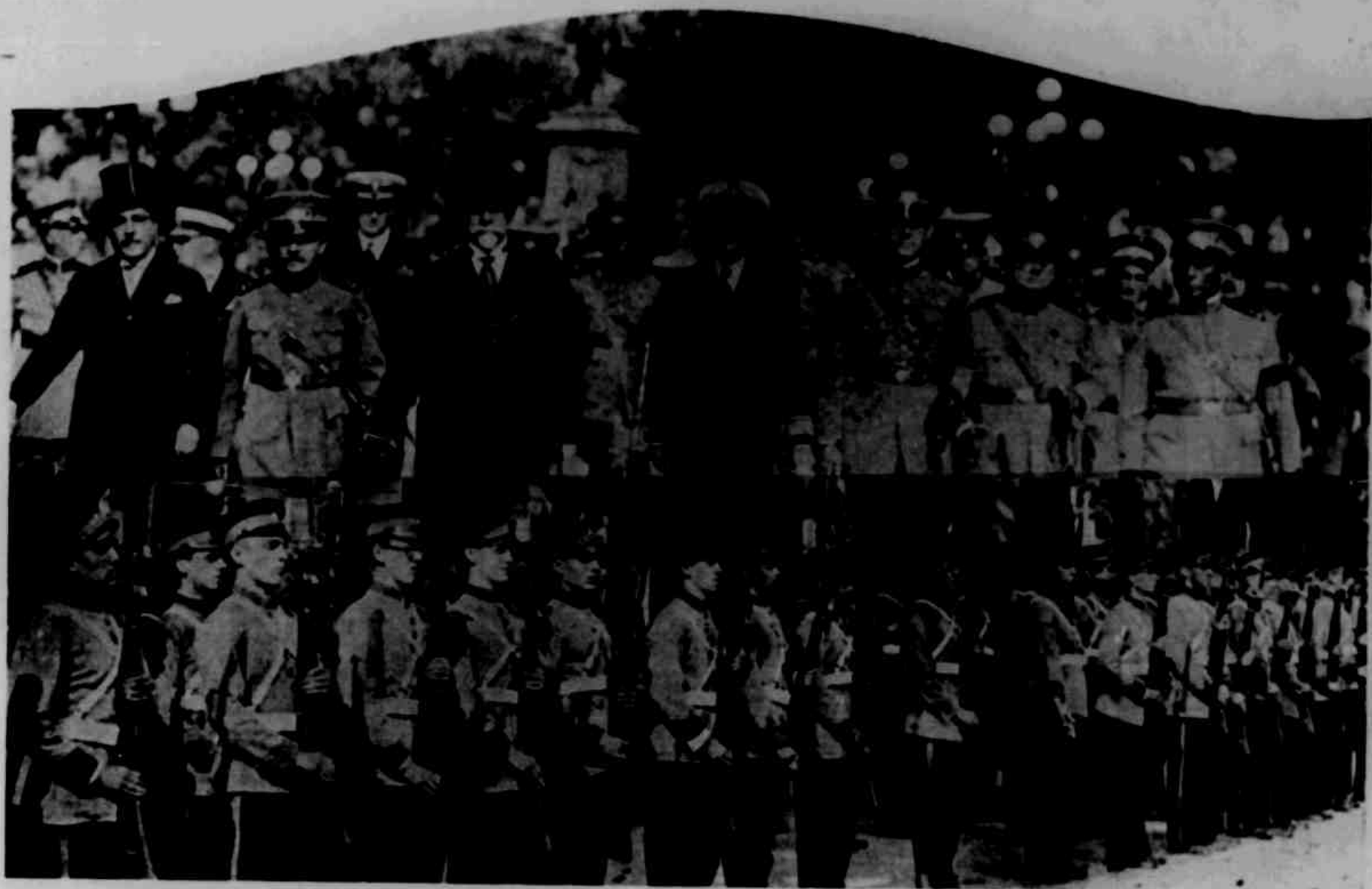
Dois pequeninos braços ataram-se com força a meu pescoço e, irresistivelmente, me fôram puxando para a vida... Deixo-me ir num embevecimento.

Esquecida de mim, limitei o meu horizonte ao recorte desta pequena silhueta...

Com que piedade olho agora os ninhos vasios e os lares desertos!...

Uma creança...

Mas não ha nada que faça comprehender melhor a dadiva divina que são, neste mundo, todas as creanças.

Senhor Ernesto Silveira e Dr. Caio Monteiro de Barros, representante do Instituto de café de S. Paulo, na Hespanha. Photographia tirada na frente do Pavilhão do Brasil.

O Dia do Soldado

Visita do Presidente da Republica ao monumento de Caxias.

Festa no 1º Regimento de Cavallaria Divisionario, em 25 de Agosto.

Em baixo: nas commemorações realizadas pela Escola de Estado Maior, rua Barão de Mesquita: o discurso official.

SOCIEDADE

Sylvia Lucia, a minha encantadora amiga que mora em Paris, manda-me, de vez em quando, noticias suas e da cidade-luz.

São sempre cartas deliciosas e interessantes.

Na ultima que publiquei aliás, contava-me, numa pagina cheia de emoção, a venda das reliquias de Réjane no Hotel Drouot, "la maison où viennent mourir les souvenirs".

Agora, acabo de receber nova carta.

Ao contrario da outra, onde havia coisas sérias e tristes, essa é de uma frivolidade adoravel, cheia de vida e de alegria.

Fala-me em vestidos, bailes, passeios, etc.

...Os bailes "costumés" foram o grande successo da estação.

O de Mme. Jean Schneider e da Baroneza de Guerre, foi interessantissimo. A côr exigida para as senhoras era a côr de laranja, "pour s'accorder" com o verde de pallido dos salões. Os homens traziam na "boutonnière" das casacas, um pequenino "bouquet" de "capucines".

Ahi a elegante Condessa de Beausacq tinha os cabellos inteiramente cobertos de pó de ouro.

Que cabeça maravilhosa!

O Visconde e a Viscondessa de Noailles deram uma festa inesquecivel.

O immenso jardim illuminado por esse magico da luz, que é Wendel, era qualquer coisa de "féerico".

Representou-se o "Divertissement gothique", onde o Principe de Faucigny Lucinge, o Barão de Wrede, o Conde Gautier Vignal e Tony de Gandarillas eram os "chevaliers", a Marqueza de Laborde, "la dame", e a Viscondessa de Beaumont, "la chimère".

Senhora Thereza Medina Barron, esposa do Consul Geral do Mexico no Brasil, senhor General Luiz Medina Barron.

Mlle. Aymone de Faucigny Lucinge trazia um soberbo vestido branco de Lelong e "une haute coiffure blanche et or", de Reboux. Mas, a mais linda festa da estação foi, sem duvida, o "jantar" do Conde e da Condessa Etienne de Beaumont. A Condessa de Beaumont, com os cabellos empoados, assistia de sua "loge", deliciosamente decorada por essa grande artista que é Marie Laurencin, a entrada de seus convidados, que incarnavam figuras de operas e operetas. O grupo "Walkyria", com a Princeza Edmond de Polignac, o Conde e a Condessa Charles de Polignac, o Conde e a Condessa Jean de Polignac e Jacques Février, fez uma entrada sensacional. Lady Abdy, magnifica em "Hamlet". A linda Duqueza Maria de Grammont, cuja belleza deslumbrou você, num "cocktail party" "chez" D. José Maria Soto, dansou uma valsa e foi applaudidissima.

Mas, se eu quizesse tudo contar a você, os "potins", os "flirts", as novidades, eu passaria mezes escrevendo.

Por hoje, basta. Dentro em pouco começará a debandada elegante para Deauville, Trouville, San Sebastian, Saint-Jean de Luz, etc.

Agosto, passarei em Biarritz; Setembro, Italia, Veneza, Lido, o Adriatico...

Ah! meu amigo, esse turbilhão de prazer em que eu vivo, a approximação dos radiosos dias de sol, tudo isso me dá uma alegria immensa, incontida de viver!

Uma grande saudade de

Sylvia Lucia.

Embarque para os Estados Unidos do professor Henrique Roxo, que vae tomar parte no Congresso de Psychologia.

Como eu desejaria responder á minha amiga:

— Aqui a estação foi deliciosa; houve, por exemplo, o "Baile de Sheerazade", na residencia tal; o "Baile das Yaras", em casa do casal tal, etc.

Mas, as festas deste genero, sempre tão encantadoras, estão aqui desapparecidas e a nossa gente elegante guarda apenas na lembrança o famoso baile "Second Empire" do casal Bandeira de Mello e o lindo baile hespanhol da familia Ildefonso Dutra, em Petropolis. Agora, a nossa sociedade limita-se a divertir-se em ceias e jantares, nos "dancings" e "restaurants".

Victor de Carvalho.

O nosso companheiro Adalberto Mattos lendo na sala de conferencias da Escola de Bellas Artes o excellente estudo que fez sobre Baptista da Costa e o seu ambiente.

Auditorio da 2ª conferencia da série promovida pelo Conselho Superior de Bellas Artes, que foi no dia 22 e alcançou exito completo.

Em baixo: no Palace Hotel, sexta-feira da outra semana quando o esculptor Antonio da Costa inaugurou a sua exposição, uma das mais bellas mostras da arte de Portugal que temos tido. A exposição de Antonio da Costa continúa aberta e visitadissima.

Vestido de noite apresentado por June Collyer

N...
JOCKE...

DURANT...
CORR...
DE DO...

NO
EY CLUB

ANTE AS
RRIDAS
DOMINGO

Vestido de noite apresentado por Olga Baclanova

No anniversario da Casa dos Artistas: a mesa que presidiu a sessão solemne e o doutor Gilberto de Andrade lendo o seu agradecimento á homenagem que lhe foi prestada pelos trabalhadores do theatro.

Em baixo: a linda artista Eva Stachino, que volta ao Rio com uma companhia portugueza de revistas modernas.

Torne-se o theatro um caso politico

O haver nascido no Brasil será para muita gente razão de ufania... Para os intellectuaes, porém, só deve ser motivo de desgosto. Não ha vida mais ingrata, no nosso meio, do que a do artista ou do intellectual. Nem o povo, nem os poderes publicos dão valor a um ou outro. A intelligencia no maior e mais populoso paiz da America do Sul é, mesmo, uma desgraça. E não se culpe o portuguez que enriqueceu no balcão e é hoje figura conceituada da nossa praça... Nas repartições publicas triumpha o burro, nas emprezas jornalisticas nunca é o de maior talento ou preparo o que occupa os mais altos postos, e assim na politica, no magisterio, na magistratura, por toda a parte, emfim. O que será isso? Phenomeno de incultura? Falta de escrupulos da ignorancia? Uma cousa e outra, talvez. E um bello exemplo disso é o que occorre com o theatro.

O successo, hoje, no mundo, não é facil e não depende das mesmas condições a que era subordinado antes da guerra. A genialidade não basta. E' preciso ser differente. Exemplos disso são Pirandello, Berta Singerman ou Josephina Baker... E se quizermos nos referir a brasileiros, temos que expatrial-os: Villa Lobos e Tarsila, porque muito embora tenham por si um grupo de fanaticos, a maioria esmagadora tem por elles o sorriso complacente gerado pela segurança da superioridade — equilibrio mental. No theatro tivemos esse "Adão, Eva e outros membros da familia", a cuja representação assisti tres ou quatro vezes e agora reli deliciado e que é o prazer

A sala do Club Gymnastico Portuguez, sabbado passado, durante a primeira parte das commemorações do anniver sario da Casa dos Artistas, commemorações que foram de alegria para todos os amigos da benemerita associação.

Em baixo: Audreina Pagnani, do Theatro d'Arte de Milão, que o Rio vae applaudir com a companhia Ruggero Ruggeri, no Municipal.

Por Mario Nunes

de uma elite. O autor poderia escrever duas ou tres comedias como essa por anno. Lá fóra celebrisar-se-ia, enriqueceria. Aqui não encontrará emprezario que monte uma só dellas e se, impellido por seu ideal de arte, declara que está disposto a fazer o seu theatro, com o concurso de sensibilidades iguaes á sua, accorrem as pessoas sensatas que aconselham a que não o faça... E têm razão. O meio não é hostil — antes o fosse porque significava opinião — é em absoluto indifferente. A camada popular, popularissima, não. Essa frequenta o theatro, sustenta mesmo, permanentemente, tres ou quatro casas de espectaculos, mas exige peças em harmonia com a sua cultura.

Bato-me ha quinze annos pela assistencia dos poderes publicos á questão do theatro. E' claro que os poderes publicos nem sabem que eu existo, quanto mais a minha campanha... Pediria, agora, que o governo prohibisse o funccionamento dos theatros e encarcerasse quem teimasse em escrever para o theatro. Isso despertaria immediatamente um sentimento de revolta, a opinião publica se apaixonaria, o governo teria de ceder e ficava instituido o theatro nacional... Pois não está havendo, agora, um movimento de opinião a favor de liberaes (!) como Antonio Carlos e Arthur Bernardes, só porque esses cavalheiros estão sendo contrariados pela vontade da corrente governamental ?

E haveria motivo bastante para essa prohibição. A lei que organizou o theatro sob bases solidas tem o nome de Getulio Vargas...

Henri Bonvalet

Simone Deguyse

Robert Tourneur

Victor Boucher vem ahi. E vem trazido por N. Viggiani. E' mais um agradecimento que o Rio fica devendo ao emprezario dynamico do Lyrico e do Casino, o fornecedor de companhias para o Municipal. Victor Boucher não organizou uma "troupe" para a America do Sul nem um repertorio para as platéas destes paizes quentes. Viaja com os seus companheiros de Paris e as suas comedias de Paris. Esse artista que já foi comparado a Carlitos não se repete nunca e faz sempre o mesmo homem. E' o seu milagre de creador. Ou é a vida que elle carréga nos olhos alegres e no corpo triste que o torna assim deante da outra gente. A outra gente ri, deliciada, das pequenas desgraças que acontecem a Victor Boucher. Porque é Victor Boucher que todo mundo vê e ouve, igual e differentissimo. O poeta. O illudido por vocação. Ingenuo. Sabendo tudo. Cheio do desejo de querer melhor, á procura disso, de trambulhão em trambulhão. E péde desculpas. Nunca é de proposito. O destino é quem empurra. Vem elle ahi, assim. E vêm com elle, além de elle todo, actrizes bonitas com vestidos bonitos, actores bons com roupas boas, uma chusma de peças excellentes.

Christiane Delyne

Pinto Filho disse numa entrevista que é o actor comico mais caro do Brasil. Modestia delle. Não é tão caro assim.

Mais uma vez, com toda a paciencia e com vontade de que nos ouçam, chamamos a attenção das emprezas theatraes para o horror que são os seus scenarios. Mais uma vez dizemos que vivem no Rio de Janeiro Di Cavalcanti, Gilberto Trompowsky, Ismael Nery, Luiz Peixoto, artistas de verdade.

Pegou fogo no Carlos Gomes. Foi-se embóra o velho barracão. Essas coisas fazem pena sempre. Mas, sinceramente, aquelle incendio de terça-feira merece todos os louvores. Si o Recreio tambem está no seguro, desejamos ao Recreio a mesma sorte. O fogo, dizem, é purificador...

A HISTORIA INTIMA DO THEATRO GUILD

Como funcciona esta poderosa e prospera associação de autores theatraes. — Como archiva seus resultados.

Por Theresa Helburn

*O Conselho de Directores do Theatro Guild que acaba de celebrar o seu **decimo anniversário.** No primeiro plano: Philip Mœller e Helen Westley. No segundo plano, da esquerda para direita: Theresa Helburn, Maurice Wertheim, Lee Simonson e Lawrence Taylor.*

DIZ uma velha tradição que tanto um theatro como um exercito devem ser dirigidos por um autocrata. Quando o Theatro Guild appareceu como um grupo organizado, riram-se e prophetizaram-lhe pouco tempo de vida. Os conflictos e crises da primeira estação deram razão aos tolos. A confusão do primeiro anno causou a demissão de tres do grupo primitivo e a entrada de um novo membro (a autora destas linhas) para a Directoria.

Depois disto, porém, a Directoria continuou composta pelos mesmos seis membros — salvo uma addição temporaria — ha nove annos. E', em conjuncto, um phenomeno interessante, pois no theatro os companheiros encontram-se em menor numero do que em outros ramos de negocio e as associações duram ainda menos tempo. Durante estes nove annos varias combinações theatraes se dissolveram, antigas e novas, entre ellas, "Klaw & Erlanger", "Cohan & Harris", o Theatro Dramaico, o "Greenwich Village Theatre" e outras. Acho que muitas dessas dissoluções foram provocadas por questões pessoaes, o que é muito natural, porque o theatro é um grande centro de egotistas e as questões individuaes que, noutros logares, podem parecer secundarias, assumem ali grande importancia.

Quem observar a historia theatral, verá que bate o record de individualidades: Charles Frohman, David Belasco, Alf Hayman, Winthrop Ames, Arthur Hopkins; ou então uma questão de familia como a dos Schuberts.

Si esses individuos representam um grupo, todo o credito lhes pertencerá de direito. Não estou habilitada a fazer a revocação do simples "e Companhia" em materia de theatro. Em vez disso, talvez seja mais interessante analysar o que conservou unidos os seis membros da Directoria do Theatro Guild "na felicidade e na dôr, na riqueza, na pobreza, na doença e na saude" — atravessamos tudo isso sempre unidos e é provavel que seja sempre assim até que "a morte nos separe".

Em primeiro logar, é preciso que fique bem claro que o Theatro Guild é dirigido actualmente por essas seis pessoas.

O conselho reune-se todas as semanas para tratar das questões attinentes á administração e discutir e resolver os problemas de importancia, lêr as peças susceptiveis de serem representadas e que são escolhidas por unanimidade. Cada director tem suas funcções proprias e póde ser designado para tratar de negocios especiaes.

Para ser membro do conselho é preciso dispôr de muito tempo, ter competencia e energia e saber ser camarada.

E' tão difficil falar de per si de cada membro do "Guild" e de suas attribuições, como achar o fio de uma meada.

A' primeira vista cada um tem sua funcção especial — Mœller, representação; Simonson, scenarios; Helen Westley, artistas, etc. — na nossa directoria tudo é tratado e resolvido em commum, de modo que não se póde dizer de quem partiu uma decisão qualquer. Como Maurice Wertreim é banqueiro, muitos suppõem que elle tem apenas relações financeiras com o "Guild" e que elle tem sido a nossa "providencia". Puro engano. E' um dos seus motivos de orgulho, e nosso tambem, o facto do "Guild" nunca ter precisado de "providencia"; depois da apresentação da sua segunda peça, "John Fergusson", a associação pagou a pequena quantia adiantada pelos diversos membros do conselho e desse dia em diante foi sempre independente. Confiamos o nosso dinheiro ao Sr. Wertheim, pois elle é o nosso thesoureiro; isso não quer dizer que lhe peçamos emprestimos. E embora elle empregue todos os seus esforços para a prosperidade das finanças do "Guild", a sua actividade não se limita a isso. Elle se interessa e trabalha activamente em outros generos, é um leitor assiduo das peças, occupando-se com especial attenção da sua selecção e tão positivo nas suas opiniões quanto Miss Westley com quem discorda quasi sempre; podemos sempre esperar algum conflicto entre os dois para animar as reuniões do conselho.

Por outro lado, Mœller, que se suppõe inteiramente devotado á leitura e julgamento das peças, quando não occupado com a sua representação, esquiva-se o mais que póde ao que considera uma massada. Entretanto, embora elle affecte um ligeiro desprezo pelas coisas de theatro, elle possue na realidade excellentes faculdades e é uma brincadeira conhecida chamal-o "o maior homem de negocios do conselho", pequena ironia que persistiu por causa da verdade que nella se occulta. Langner é um apaixonado por todas as questões referentes ao theatro; como profissional gosta de fazer sentir que a sua contribuição é tão importante quanto a de outro qualquer; como autor, está directamente interessado na leitura e na representação. Dentre os dos conselho é elle o innovador, o que vive mais no futuro e que sempre nos lembra o dia de amanhã. Elle que nos forçou a encarar a necessidade do novo theatro em tempo opportuno e de uma companhia effectiva. Elle póde ser chamado o "Isaiah" do Conselho, em contraste com Miss Westley que é a "Cassandra". O appellido de Cassandra foi escolhido pela propria Miss Westley, pois gosta de ser ouvida como prophetisa, clamando em vão junto a seus collegas, surdos e cégos. E é coisa sabida na historia do "Guild" que ella nunca se enganou.

Simonson é o unico membro do conselho que se pode viver á parte, emquanto que para nós outros, consciente ou inconscientemente o "Guild" faz parte integrante do nosso ser. Quando, porém, elle se aventura na batalha, elle o faz com uma emphase Olympiana a que difficilmente se resiste.

Pelo que precede vê-se que o conselho do "Guild" é um "exercito com suas bandeiras" — um exercito ás vezes dividido, cada um dos seis carregando a sua bandeira particular ou a do grupo de collegas que o acompanha. Os partidarios porém, não são eternos. E é curioso como

(*Termina no fim do numero*)

U M

A R T I S T A

D A

N O S S A

T E R R A

Tres poses do bailarino Decio Stuart que esteve na Europa aperfeiçoando os seus estudos começados em São Paulo e continuados no Rio. Elle chegou. Quér mostrar o que sabe. Não encontrou até agora logar nas companhias n a c i onaes. As companhias nacionaes preferem bailarinos estrangeiros. A's vezes, o unico valor desses "artistas" é que elles não nasceram no Brasil...

CHAPÉUS ALTOS NUM CASAMENTO MUJIK

POR IVAN NORODNY

UM russo compara "Os ritos matrimoniaes" de Stravinsky com os "Svadebuye Obriady" da sua provincia natal.

ENTRE os modernos compositores de bailados, Igor Stravinsky é uma personalidade em evidencia. A sua originalidade consiste principalmente na utilização engenhosa de velhas balladas russas, bailados e cantos populares — "chorovody" — que se exhibem desde tempos immemoriaes até hoje na Russia inteira, do Baltico ao Pacifico, do Oceano Artico até o Caucaso e Asia Central, mas que continuam a ser desconhecidos não só pelos estrangeiros como tambem pelos Russos intelligentes e civilizados.

Não era absolutamente novidade para mim, "Les Noces" — Os Risos do Matrimonio — de Stravinsky, dado pela Liga de Compositores no "Metropolitan Opera House" a 25 de Abril. Estava já familiarizado com sua forma melodica e dramatica. Fez-me volver, em pensamento, ás aldeias russas junto á casa da minha mocidade — aldeias das provincias de Pskoff nas margens do rio Velikaya — onde vira as "Svadebuye Obriady" familiares, nupcias, — quasi todos os domingos na primavera; a natureza domina os homens primitivos. Entretanto, a differença entre o povo russo e "Les Noces" um tanto parisiense de Stravinsky está na apresentação modernizada e civilizada de uma festa primitiva de aldeia. Emquanto Stravinsky emprega quatro pianos, e instrumentos de percussão para um côro, a tradição popular russa usava tantas "balalaikas", "concertinas", tambores, vasilhas, apitos, cantores de aldeia e musicos do typo mais grotesco, quantos fossem necessarios. Os ritos indigenas do casamento mujik são mais allegoricos, têm um caracter dramatico e grotesco mais accentuado do que "Les Noces" de Stravinsky.

Os "Ritos do Matrimonio" de Stravinsky não passam de uma copia apagada e convencional do que se passa hoje nas aldeias da Russia: o mesmo preparo da noiva e do noivo, a mesma festa de casamento são apresentados em "Les Noces" modernizados e civilizados. O ponto fraco da composição de Stravinsky está nas suas omissões. Elle supprimiu as impressionantes dansas allegoricas da noivo e do noivo, tradicionaes nas bôdas mujik e as pantomimas bucolicas de Svacha, o casamenteiro, que elle reduziu a curtos "sketches", sem incidentes caracteristicos e em Valentina Kashouba, uma das mais talentosas bailarinas russas na America, não tem occasião de mostrar a sua habilidade. Na versão moderna ella é simplesmente a caricatura de uma matrona.

Apesar desses senões — que se devem attribuir ao facto de ter ficado o compositor ausente de sua patria durante longo tempo — a obra de Stravinsky descreve com brilho a musica e costumes populares da Russia; os scenarios e vestuarios de Serge Soudeikine são muito apropriados e contribuiram tambem para o exito da representação, assim como a interpretação de Victor Audoga e a marcação das dansas por Mme. Anderson-Ivantzoff, moldadas no espirito rustico, primitivo e ao mesmo tempo grotesco da Russia campezina.

A realização de "Les Noces" em Nova York foi muito superior á de Diaghileff em Paris em 1926, mais inspirada no espirito futurista de Montmartre do que no folklore russo.

Os principaes actores foram Valentina Kashouba, a noiva, George Volodin, o noivo, Julietta Mendez, a casamenteira, Emily Floyd, a mãe da noiva, Alexander Zarroubin, o Pae do noivo e Andrew Salama, o casamenteiro — o "Svat"

A Benção da Noiva, uma scena de "Les Noces" de Stravinsky que foi levada pela primeira vez na America no "Metropolitan Opera House" a 25 de Abril pela Liga de Compositores, sob a direcção de Leopold Stokowski.

etc. Além destes, moças, rapazes, velhas e velhos, constituindo todos uma verdadeira aldeia russa com uma grande casa mujik.

Os scenarios e costumes de Serge Soudeikine, grotescos e primitivos estavam magnificos, com excepção do vestuario da noiva e do noivo. Constituiram uma nota falsa num conjunto tão brilhante. O vestido de noiva russo "sarafan", — nunca é branco como o usado por Mlle. Kashouba; é vermelho rosa, de côres vistosas. Valentina Kashouba assim vestida dava a impressão de uma "coquette" de aldeia, de uma enfermeira de convento ou de uma cozinheira de casa russa em Paris.

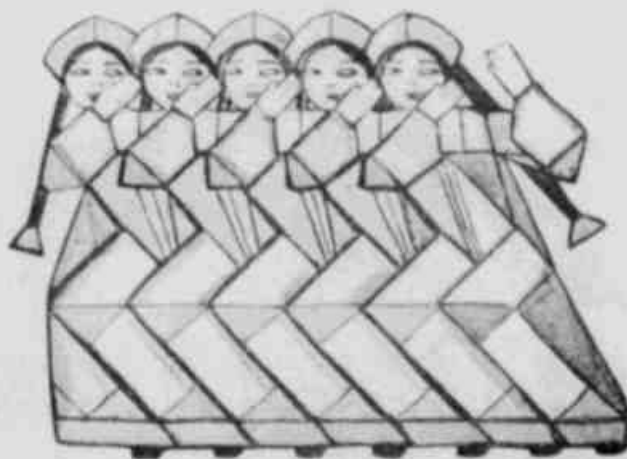
Comparada a "Petrouchka", a obra-prima de Stravinsky, esta composição é mais um film-bailado moderno do que a transposição de uma dansa tradicional para o theatro moderno. Sob adirecção de Mme. Anderson-Ivantzoff, os bailarinos acompanham o rythmo selvagem da musica conservando, porém, de modo extraordinario o seu caracter rustico. Na minha opinião esta composição ganharia immenso si Stravinsky insistindo nesse thema selvagem, enxertasse, aqui e ali, alguns adagios, motivos poeticos e aquelles cantos pungentes peculiares aos Slavos que Moussorgsky e Rimsky-Korsakoff, mestre de Stravinsky, empregaram com tanta felicidade.

Alguns dos "Ritos do Matrimonio" — a Noiva (Valentina Kashouba), a "Svacha", a Mãe da Noiva, o Noivo (George Volodin), e no chão, o "Svat". "Uma copia convencional e sophismatica do que se faz nas aldeias da Russia", foi esta composição um dos acontecimentos da estação theatral, em que brilharam todas as "estrellas" do firmamento musical de Nova York.

"Les Noces" tem quatro movimentos. I. Nastasia, a noiva, rodeada de suas madrinhas que a penteiam. II. Svacha, a casamenteira, entra e bate em Nastasia e é abençoada pelos paes della. Nestas duas partes predomina o canto sobre a pantomima e os themas originaes das regiões dos lagos Ladoga e Peipus. Assim como em "Le Sacre du Printemps" — um de seus primeiros trabalhos — Stravinsky empregou nas instrumentações todos os recursos do seu estylo ultra moderno, cheio de harmonias estranhas e de rythmos endiabrados. Predominam os côros. Na segunda parte os instrumentos imitam distinctamente o modular da "balalaika" regional. No Terceiro Movimento a noiva deixa a casa paterna e a musica descreve a lamentação dos paes. Predomina ahi o canto. O Quarto movimento, ou Final, é a actual Bacchanal Scynthia, descrevendo as dansas rituaes da Noiva e do Noivo, dos convidados e dos paes.

Muitas dessas dansas são tiradas do folklore Russo e brilhantemente instrumentadas. Stravinsky compoz o seguinte entrecho para a pantomima da Bacchanal: "Um homem e sua mulher (entre os convidados do casamento) são escolhidos para entrar no leito nupcial e aquecel-o. A noiva e o noivo estão preparados para as bôdas; humildemente ella tira, os sapatos delle e elle bate-lhe. Vão para a cama que está agora protegida pela porta pintada da estrebaria. O pae da noiva canta a benção ouvida em silencio pelos presentes immoveis e a escuridão se faz".

Isto representa um episodio obsceno em que os convidados estão embriagados. A instrumentação torna-se cada vez mais rica — os quatro pianos quasi abafam as vozes suggestivas sob o effeito do "vodka" e do nalivk".

Reproducção dos scenarios "grotescos e primitivos" de Serge Soudeikine feitos para "Les Noces" de Stravinsky que a Liga dos Compositores levou á scena.

As madrinhas da noiva... segundo a tradição russa, ao mesmo tempo rusticas, grotescas e primitivas.

Termina com um fortissimo selvagem, mas que não consta da festa popular tradicional, soberbamente transcripta por Moussorgsky nas suas Bacchanaes.

Para um espectador russo, "Les Noces" de Stravinsky constituem uma versão phonetica de uma curta historia de Maximo Gorky, uma concepção civilizada de licenciosidades regionaes.

Na mesma noite a Liga de Compositores levou á scena uma curiosa composição similar, "Il Combattimento di Tancredi e Clorinda" de Claudio Monteverdi, 1626. Um intervallo de tres seculos separa Monteverdi de Stravinsky e, no entanto, nota-se nesses dois trabalhos uma tendencia commum. Ambos os compositores empregam a pantomima para expressão do caracter dos seus personagens, os dialogos falados ou cantados por artistas especiaes nos lados do palco ou dentro da orchestra. Emquanto que o thema do "Combattimento" de Monteverdi trata de uma lenda de cavalleiros medievaes — glorificação da nobreza — Stravinsky modernisa costumes tambem medievaes, porém do povo. Num, o compositor representa a nobreza christã, noutro, mujiks medievaes. Assim como a obra de Stravinsky foi considerada uma novidade no theatro de opera contemporaneo, o mesmo aconteceu a Monteverdi em 1626.

E' sabido que no "Combattimento" Monteverdi introduziu um effeito novo para a época, o "tremolo" na orchestra, hoje tão commum, e que tanto assustou os musicos de então que a principio se recusaram a tocal-o. A explicação de Monteverdi é curiosa: "Cheguei á conclusão", disse elle, "que ha tres graus de emoções: raiva, sentimento moderado, e humildade... A musica exprime claramente esses tres graus, chamados "concitato", molle" e "temperato" — excitação, ternura e caracter moderado". Encontrando apenas os dois ultimos traduzidos na musica antiga, elle estudou o metro do verso phyrrico posto em musica pelos Grecos. Tomando a "semibreve" — a nota toda — como unidade, elle imaginou dividil-a em dezeseis "semi-colcheias" — decimos sextos — que deviam ser tocadas successivamente sobre a mesma nota para obter o rythmo mais accelerado, a que elle chamava "concitato-tremolo".

O "Combattimento de Tancredi e Clorinda" de Monteverdi foi representado sob a direcção de Werner Josten, tendo como recitante Marie Milliette, como cantores Jeanne Palmer Soudeikine, Charles Kullman e uma selecção de musicos da "Philarmonic Symphony Orchestra" de New York. Os actores da pantomima foram Edith Burnett e Samuel Eliot Jr. O narrador e os cantores estavam num pulpito á extrema esquerda do palco e cantaram o duetto dos dois combatentes mudos — Tancredo e Clorinda, que sustentam a sua batalha até o fim.

O enredo é o seguinte: no fim da primeira cruzada Tancredo, um cavalleiro christão, apaixona-se por Clorinda, moça pagã. Disfarçada

(Termina no fim do numero).

Aquelle querido Zéca

PRINCIPALMENTE elle era um grande actor.

Um grande actor brasileiro.

Nunca sabia o papel.

Andava sempre improvisando.

Os varios pontos que teve punham as mãos na cabeça desanimados de soprar o texto certo.

Zéca sorria desses funccionarios da sombra.

Creava.

Surpreza.

Baiburdia.

Os espectadores ficavam tontos, deslumbrados, tão tontos, tão deslumbrados que não percebiam: o Zéca é que estava assistindo, elles é que estavam representando.

A mórte apanhou-o com covardia, deu-lhe uma paulada na cabeça.

Si não fosse por uma doença que o atordoasse todo, não vê que a mórte levava o Zéca.

Elle lhe offerecia um cigarro da caixa que lhe tinha mandado o Principe de Galles, um licor presente da Rainha da Rumania, começava a conversar de piteira na bocca e os braços magrissimos acabando no ar as historias maravilhosas.

Enganava a mórte na certa como enganou a vida.

A vida queria que elle fosse um homem máo.

Elle foi um dos homens melhores deste mundo.

O poeta José do Patrocino Filho.

A...

Na noite da irradiação do Concerto Phillips, na Radio Sociedade, Edméa Montanari (cantora), Romeu Ghipsman (violino) e Francisco Braga com a sua orchestra, interpretes do programma da noite.

Ainda candidato ao posto supremo em que ora está investido, já o Sr. Dr. Washington Luis delineava o seu plano rodoviario, como um dos pontos de relevo de seu programma administrativo na Republica. E eleito e empossado, começaram desde logo a ser confirmadas aquellas suas promessas na escolha do auxiliar immediato a quem caberia á realização de tão complexo programma.

Os primeiros actos do Sr. Dr. Victor Konder, no Ministerio da Viação, revelaram-no a capacidade intelligente que veiu depois se reaffirmando em resoluções successivas, augmentando o patrimonio nacional e encorajando a sua economia na facilidede omnimoda dos seus meios de transportes.

O II Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem, este anno encaminhado para o Rio de Janeiro, reflecte bem a esphera ampla em que o problema das communicações foi collocado pelo Sr. Dr. Victor Konder. Depois do encurtamento das distancias de cidade a cidade do paiz, por

Visita dos Congressistas ao Chefe da Nação Brasileira

II Congresso Pan-Americano

Visita dos Congressistas ao Ministro do Exterior

O senhor Presidente da Republica dá como inaugurada a Exposição Automobilistica.

Durante a visita feita pelo senhor doutor Washinton Luis á Exposição Rodoviaria.

Sessão preparatoria do Congresso, no Automovel Club

de Estradas de Rodagem

agua, por terra e pelo ar, a revista do existente e a troca de suggestões para mais e para melhor, a que dá logar o Congresso, que durante esta quinzena tem honrado a capital do Brasil.

As impressões colhidas pela imprensa, entre os delegados officiaes das diversas Republicas americanas, representadas no certamen, são das mais lisonjeiras para o nosso paiz, porque unanimente elogiosas á acção tenaz e fecunda do illustre titular da Viação.

Essas impressões que, partidas de technicos e não de diplomatas, não podem ser havidas por suspeitas, ou de méra cortezia, serão repetidas, sem duvida, na patria de cada delegado estrangeiro, quando á sua imprensa tiverem elles que falar, de torna viagem.

Esta só consideração já justificaria os esforços do governo brasileiro pelo exito, que tem sido grande, do certamen continental. Entretanto, outros lucros delle é dado esperar, no aproveitamento das suggestões que parecerem boas e utilizaveis entre nós.

Visita dos Congressistas ao Ministro da Viação

Recordação da visita dos Congressistas a Petropolis pela estrada de rodagem.

Um bello trecho da estrada Rio-Petropolis que os Congressistas percorreram.

M u s i c a

No Instituto de Musica, tivemos o concerto da violinista Maria Jacovino, recentemente premiada com a Medalha de Ouro. Não era para nós um nome desconhecido, pois, por estas mesmas columnas, ha cerca de cinco annos, tivemos occasião de registrar a apparição auspiciosissima da recitalista.

Tinha ella então, talvez uns doze annos. Era uma creança, uma linda esperança para a arte. Hoje é uma mocinha, quasi uma realidade, uma promessa se accentua cada vez mais. Um formoso talento que muito produzirá sem duvida, uma indiscutivel aptidão violinistica, que está pedindo estudo ainda, para seu melhor aproveitamento, mas estudo methodico e orientado com superior criterio artistico, de modo que ella possa chegar suavemente ao maximo de perfeição possivel.

Guiar um talento artistico nas condições do de Maria Jacovino, é uma missão delicada e espinhosissima! Exigir delle mais do que póde dar, talvez seja perturbal-o, senão sacrifical-o. E Maria Jacovino talvez tenha, nesse ponto de vista, ido além do que deveria ter ido. Se a "Vida Breve", de Falla-Kreisler não esteve á altura das demais peças estudadas, o "Capricho XXIV", de Paganini-Auer foi, indiscutivelmente um ponto fraco no programma, pois deu a todos a impressão de estar acima das possibilidades technicas da joven violinista.

Essas duas peças foram, pois, encaixadas, com a evidente preoccupação de augmentar o programma. Nós preferimos um programma que se recommende pela qualidade e não pela quantidade das peças que o compõem.

O "Concerto em sol", de Vivaldi, com acompanhamento de cordas e harmonio teria produzido melhor impressão, se o primeiro violino do conjuncto de cordas não se tivesse salientado tanto, quebrando a Uniformidade do conjuncto.

Registramos o "Concerto" de Tschai-Kowsky, "La fille aux chaveux da lin", de Debussy e "Montanheza", de J. Nin, como as peças que melhor impressão causaram no auditorio.

R. V. C.

A minha colleguinha R. ha muito tempo que desejava apresentar-se nos exercicios praticos. — Por que? — perguntarão. — Simplesmente por isto: Ella tinha um admirador, um "pequeno", como se diz na linguagem vulgar. Não era coisa muito nova nem muito velha. Um namoro que já durava dois mezes.

O admirador tinha muita vontade de ouvil-a cantar. Mas essa opportunidade não lhe chegava, porque elle ainda não frequentava a casa della. De modo que só mesmo num exercicio pratico se poderia resolver o caso.

O director do Instituto, que tambem sabe ser perfido ás vezes, soube dos desejos dos dois namorados e, depois de conversar com a R. resolveu incluil-a no ultimo exercicio publico. Foi um alegrão para ella e para o pretendente, que, no domingo foi um dos primeiros a chegar ao Salão. E a R., afinal appareceu e cantou a aria "Ritorna Vincitor", da "Aida" de Verdi.

O admirador, que é um sincero apaixonado da boa musica, ia todas as noites conversar com a R. no portão da sua residencia. Ella esperava-o sempre anciosa. Mas desde aquelle domingo fatidico, elle nunca mais voltou.

"Ritorna Vincitor!" — cantou ella. Mas elle pensou que, depois daquella cantoria, se elle voltasse, voltaria, não vencedor, mas derrotadissimo!

O canto da sua namorada não conduz ninguem á victoria! Nem mesmo quando se está apaixonado.

E depois ha quem diga que o amor é cégo!

Cégo póde ser, mas surdo — isso é que não!

●

Z. B. de A.

Os exercicios praticos do Instituto costumam produzir no espirito das alumnas duas impressões extremas: de grande alegria ou de grande tortura. Não ha meios termos. Os calmos ficam sempre radiantes com a exhibição. Os nervosos ficam para morrer desde as vesperas.

Com a Z. B. de A., porém, deu-se coisa curiosa.

Antes do exercicio pratico, ella estava de contentamento, porque ia tocar em publico. Depois do exercicio, está furiosa! E não perdôa o professor, porque acha que elle foi o culpado da troça que fizeram com ella. Calculem que era ella quem abria o programma com o "Nocturno" para a mão esquerda, de Scriabini.

Um joven espectador, que, a ouvia pela primeira vez, mal ella chegou em casa de volta do Instituto, á noite, bateu-lhe o telephone e fez-lhe uma perfidiasinha:

— Pois então a senhora vae para o Instituto para aprender a tocar com uma mão só? E a outra, então, para que lhe serve?

E desligou o telephone.

No dia seguinte, a Z. recebeu pelo correio um postal com uma caricatura curiosa: era uma pianista que tocava só com uma das mãos, porque o outro braço era cortado... Em baixo estava escripto: "A pianista Z., que faz só com uma mão, o que muita gente boa não faz com as duas"...

Passados dias, outro postal, representando dois namorados, sendo que a pequena não tinha o braço direito. A legenda era esta: — "Quando pretendes pedir a minha mão a papae? E a resposta: — "Logo que crescer"...

Tem sido um verdadeiro martyrio para a Z., a brincadeira. Mas tambem já jurou que nunca mais tocará em publico, nem mesmo com as duas mãos...

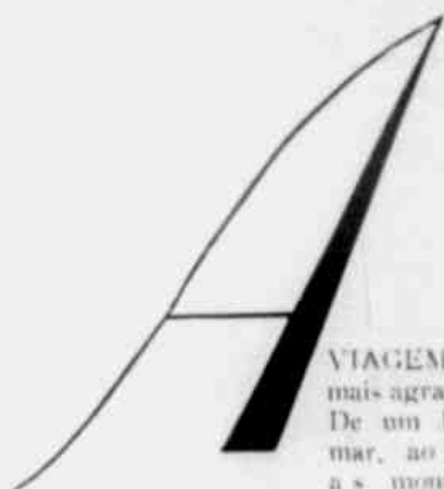
A gentilissima senhorita Lucia L. Lobo, que vae ser muito applaudida hoje á tarde durante o seu recital no Instituto Nacional de Musica.

EM CIMA: ASYLO DE ALIENADOS NA CIDADE DE BARBACENA.

EM BAIXO: PAYSAGEM SERRANA DE MANHÃ CEDO

O CONQUISTADOR DE CORISTAS
O POETA MELANCHOLICO DO BAR
OS AMOROSOS DA RUA DA HARMONIA
A CEIA REQUINTADA DO GRANDE PERSONAGEM
PAGINA DO ALBUM DE UM NOCTIVAGO POR DI CAVALCANTI
JÔ
LÚ

De Elegancia

Gabinete de trabalho de aspecto moderno. As estantes embutidas na parede são emmolduradas de vermelho vivo, roxo cardeal sobre azul turqueza. Nos moveis, chitão preto com desenhos azues, vermelhos e amarello dourado. Nas janellas, o mesmo estofo e abat-jour de papel encerado vermelho lacre.

A VIAGEM é das mais agradaveis. De um lado o mar, ao fundo as montanhas, do outro lado os jardins.

— Com licença...

E' um passageiro que se accommoda no meu banco.

— Com licença...

Procura elle arriar a cortina por causa do sol que, aliás, não toca senão em mim.

— Obrigada. Mas eu gosto do sol.

Respiro. O incidente perturbára as considerações que me vinham distrahindo o cerebro. E o omnibus, agora de lotação completa, garante relativo socego até á cidade.

O mar é mais do poeta, e a montanha do pensador. Mas isso não é meu. Li-o algures, como li tambem que o mar — infinito de movimento — se dirige ao coração: a montanha — infinito de immobilidade — á razão. O mar é sensual. A montanha casta. O mar, é como a vida: tem altos e baixos. A montanha é a imagem da eternidade.

O mar é mais natural na constante variação. Ao passo que a montanha,

descripta assim por alguem cujo nome agora me escapa, é mais artificial, se bem que eternamente a mesma.

Para que discutir essas cousas? Melhor é contemplal-as. Num dia bonito a gente não sabe se deve admirar mais a majestade da montanha ou a monotona mutuação do mar. Um e outro se completam e completam o formoso panorama do Rio.

Dobra o omnibus o obelisco da Avenida. No letreiro da loja de um dos arranha-céos leio: Liquidação final. E, logo a seguir um cartaz de Cinema: "Ladrão do Amor". Reparo então. Os dois cartazes, assim tão proximos, apresentam-se-me mais approximados. Que virá a ser um ladrão de amor? E como vem a liquidação final? Tratando-se do mais vivo dos sentimentos e tambem do menos duradouro estará a gente sempre ameaçada de uma liquidação final, nesta época de fallencias?

Gastam-se os sentimentos como tudo se gasta, pela força do habito. E é certamente o habito o principal factor da constancia, que vive do receio de nos afastarmos daquillo em que estamos porque, bom ou mau a isso já nos habituamos.

Mas que tem isso com ladrão do

amor? Não sei. Divagações. — Olá, X, chegou a proposito. Preciso que me descubra uma cousa a que o meu cerebro não chega. Não chega a uma conclusão.

— E a minha cara amiga gosta das conclusões?

— Gostaria mais que me dissesse o que deve ser um ladrão de amor e que ligação se póde estabelecer entre isso e uma liquidação final.

— Muito simples. Tomemos para exemplo o Gilberto, que é poeta. E para victima...

— Victima?!

— Não me interrompa, se me quer ouvir. Ella é Cinira. Gilberto, por fantasia, por capricho, talvez mesmo por falta do que fazer...

— Isso não, que elle é occupadissimo.

— Bem. Talvez mesmo para ter mais serviço ainda, passa a agradar muito a Cinira, procurando attrahil-a, seduzindo-a...

— Um seductor?

— ...até que ella se enamore verdadeiramente delle. Elle não faz isso...

— ...senão por sport...

— ...por passatempo, mas ella passa a gostar devéras delle. Elle não retribue. E' um ladrão do amor.

— E se elle gostava della, e depois foi attrahido por outra?

— Não foi roubado em cousa nenhuma: tinha uma e ficou com duas...

— E que tem tudo isso com a liquidação final?

— Não sabe que ha casas commerciaes que fazem uma liquidação final todos os annos? Talvez essa do annuncio seja uma dellas. Assim póde ser que ache a ligação que procura. Final de um caso para recomeçar noutro.

— Não entendo bem, mas, a falta de melhor, serve.

* * *

Vestidos para dia de sol. Silhuetas elegantes nos salões do cabellereiro A. Fadigas.

Chapéos: de "bakou" preto drapeado de mate e branco; de "bengale" branca e velludo azul vivo; de "bakou" preto guarnecido de camelias brancas e rosa.

SORCIÈRE

Enlace Carmen Garcia — Acylino da Silveira

A historia intima do Theatro Guild

(FIM)

as allianças variam conforme os casos.

Durante estes dez annos endurecemo-nos nos mais violentos combates. Não se usa luvas nas batalhas de conselho, pois estabelecemos como base uma honestidade a toda prova e dahi tiramos nossas leis. Não pretendemos ser tomados por um grupo vivendo sempre em completa harmonia. Muitos de nós somos ou fomos em tempo artistas e a susceptilidade propria a essa especie está ainda viva em nós. Mas nestes annos de convivencia, aprendemos a respeitar a honestidade de cada um e a fazer o possivel para ouvir as criticas alheias sem amargura e tambem a fazel-as sem offender ninguem. Temos por principio e norma que o "Guild" deve passar em primeiro logar e está acima de questões individuaes. Temos como lei não escripta de que ninguem se póde valer do "Guild" para explorar um determinado talento e que todos, sem excepção, encontram acolhimento ali. Em outras palavras, trabalhamos para o "Guild" e não o "Guild" para nós. E' sem duvida essa a razão porque não nos endurecemos no egoismo proprio á gente de theatro. Apezar dessas divergencias apparentes, o exercito é unido e a bandeira-ideal do "Guild" é bastante grande para cobrir as que os seus membros levantam occasionalmente e bastante poderosa para, em caso de necessidade, fazel-as desapparecer.

NA BAHIA

Embarque para a America do Norte do Dr. Caio Moura e Exma. Esposa

O riso no homem e nos animaes

RAPHAEL DUBOIS
da
Universidade de Lyon

Rabelais (e antes delle muitos outros sem duvida) declarou categoricamente que "o riso é proprio do homem". Alphonse Karr foi mais longe: para o espirituoso autor das "Guêpes", o Homem é, de todos os animaes, o mais alegre; ou por outra, é o unico alegre, o unico que ri.

Teremos nós realmente o monopolio exclusivo do riso? E, mesmo admittindo que seja isto verdade, será razão para nos considerarmos não só como os animaes mais alegres do universo, como até os unicos que o sejam? Ha tantos modos de rir!

Vejamos o que diz sobre o caso, a psycho-physiologia comparada.

Em primeiro logar temos aqui um joven galgo a quem se offerece um pouco de assucar. O animal, as patas esticadas para a frente, olha a presa cobiçada. O labio superior arreganha-se numa especie de rictus: vêem-se os dentes e as gengivas e a bocca entreabre-se, prompta a agarrar o objecto cobiçado. As narinas dilatam-se; as orelhas como que atiradas para traz e abaixadas imprimem, com esse movimento, uma ligeira tracção sobre o angulo posterior do olho que adquire, nesse momento, uma expressão especial. A physionomia do animal toma o mesmo aspecto, quando a sua dona o olha e o acaricia, sorridente, sem lhe mostrar assucar ou tambem dizendo-lhe simplesmente que ria. Ella está persuadida que o seu cão ri e é essa a impressão que elle dá ás pessoas que o observam nesse momento.

Por um pedaço de assucar.

O MECANISMO DO RISO

No seu conhecido livro: "La Physionomie et les Mouvements d'expression", Gratiolet diz que o sorriso dos olhos existe nos animaes carnivoros; a sua causa, segundo elle, está na contracção dum pequeno musculo que age sobre o angulo externo do olho, e accrescenta: "Como se sabe, os cães têm o sorriso no mais alto grão". O sabio naturalista julgava que essa expansão alegre do rosto era, como no Homem, indicio da respiração livre e feliz que dá a inspiração do ar puro. Haveria assim no sorriso e, portanto, no riso mudo, uma certa relação entre a manifestação exterior da alegria pela mimica facial e a respiração. Isto torna-se evidente quando o riso explode. Dá-se, então, uma serie de pequenas expirações que, emquanto fracas, não impedem a inspiração, mas que muito seguidas e muito curtas, permittem apenas uma inspiração ruidosa e quasi convulsiva. Os factores desses movimentos são principalmente os musculos intercostaes internos, os dentados, os musculos da parede abdominal, isto é, os expiradores. Quando as contracções são muito frequentes e muito violentas, quando "nos rimos a bandeiras despregadas", sentimos uma dôr intercostal ou sacro-lombar bastante forte. Emfim, quando "rimos até chorar", as lagrimas pódem saltar dos olhos, e por ahi se vê que ha uma certa relação de origem entre a alegria e a dôr, do ponto de vista physiologico, já se vê...

A — musculo do riso.
B — musculo do chôro.

Riso provocado pela electricidade.

Gargalhada de cachorro.

Cavallos risonhos.

Verdade é que o "musculo do chôro" que se chama o pequeno zygomatico está muito proximo ao "musculo da alegria", o grande zygomatico. Ambos fazem as suas inserções, de um lado, na arcada zygomatica que faz a ligação entre o osso da maçã do rosto e o temporal, e, do outro na face interna do orificio buccal. Todos dois são animados por ramificações proximas ao nervo facial, e as suas respectivas fibras motoras devem vir de pontos muito pertos de um mesmo centro do encephalo. As origens cerebraes do riso foram pouco ou mal estudadas do ponto de vista da psycho-physiologia experimental.

O mesmo não se dá com o mecanismo exterior, com a mimica do riso, que foi completamente elucidada por Duchêne, de Boulogne, por meio de excitações electricas dos musculos da face, especialmente do musculo grande zygomatico e dos feixes de musculos da palpebra inferior. Não contente de experimentar no homem vivo, reproduziu num cadaver a expressão do riso, mas de um riso macabro desesperadoramente triste, que não nos póde convencer de que o Homem póde ser alegre mesmo depois de ter perdido a vida.

O riso não é infallivelmente a consequencia da alegria, pois póde ser provocado por um movimento reflexo por cocegas, principalmente em baixo dos braços, podendo mesmo até certo ponto, se tornar penoso como a cocega na mucosa nasal que provoca o espirro. Isto seria mais uma prova da relação entre o riso e o acto respiratorio de que fala Gratiolet.

No cão o riso é quasi sempre silencioso. No entanto, H. Coupin publicou outr'ora no "Cosmos" a photographia de uma cadella "rindo ás gargalhadas".

O CARACTER REVELADO PELO RISO

Conheci uma cadella de caça que tinha o suave nome de Flora. Corria para seu dono, pulando alegremente, mostrando os lindos dentes brancos, emittindo ao mesmo tempo uma serie de sons muito semelhantes ao da vogal "i". Observou um escriptor que o riso em "i", "i", "i" é o das creanças e o das pessoas ingenuas; demonstram uma natureza prestativa, dedicada, porém timida, irresoluta. As louras riem em "i", isto não significa que sejam todas ingenuas, mas o riso de Flora harmonizava-se, não só com a côr do seu pello, como tambem com o caracter attribuido aos que riem em "i". Segundo o autor em questão, póde-se conhecer o caracter de uma pessoa pela sua maneira de rir. Os risos correspondem ás vogaes. As pessoas que riem em "a" são francas, inconstantes, amigas do barulho e do movimento. O riso em "e" é proprio dos fleugmaticos e dos melancolicos; em "o" indica a generosidade dos sentimentos, a ousadia de movimentos; cuidado, se a pessoa pertence ao sexo fraco! "Fugi como da peste ás pessoas que riem em "u"; são avarentas, hypocritas, misanthropes. Para essas os prazeres não têm encanto algum".

Pequenas risadas em dueto.

E' certo que a larynge, pelas suas cordas vocaes, que vibram no riso, faz parte tambem do seu apparelho psycho-physiologico, e como tal deveria ser estudado pelo methodo graphico, hoje tão aperfeiçoado, para o conhecimento da phonetica.

Os animaes, porém, possuem muitos outros meios além do riso, mudo ou ruidoso, para exprim'r sua alegria, o cão especialmente: delle disse Victor Hugo que "ri com a cauda e transpira com a lingua". Parece que Alphonse Karr nunca vira os cabritos pularem, fazendo as mais alegres piruetas, nem tampouco os gatinhos brincarem. Verdade é que os animaes parecem se tornar, com a idade, quasi todos sérios, o que nem sempre se dá com os homens. Estes, ás vezes, exprimem sua alegria pelo canto, que se caracteriza por movimentos rythmados da larynge e do apparelho respiratorio. Será o canto o riso do passaro ? Algumas aves como o papagaio, o periquito, o corvo imitam na perfeição o som do r'so humano, mas é o riso dos tolos, que riem á tôa, sem discernimento, simplesmente para rir. Entretanto, segundo um observador digno de fé, nem sempre é assim. Possuia elle uma pêga muito intelligente que ria fazendo um som saccadés. Era ladra como todas as pêgas. Um dia, um visinho mostrou-lhe um broche de prata dourada, dizendo-lhe em desafio: "Jara, não a terás". A pêga, depois de certa hesitação, approxima-se da pessoa, pousa-se no braço e com uma pancada do bico no pollegar que segura a joia, fal-a cahir. Apanha-a incontinenti e vôa para o telhado; pousa o broche e depois põe-se a rir, escancarando o bico, emittindo sons curtos, em cascata. O dono dessa pêga caçoista poderia citar outros exemplos caracteristicos desse riso proposital, significativo e perfeitamente apropriado ás c'rcumstancias.

A EXPRESSÃO DO RISO NOS ANIMAES

Damos as photographias do cavallo de um empreiteiro que está convencido de que o seu animal ri. Quando lhe mostram um pouco de assucar, a bocca entreabre-se, o labio superior se arreganha com força, os cantos da bocca puxados para traz se levantam, emquanto que as orelhas se abaixam atiradas para traz. A abertura das palpebras alonga-se, os olhos tomam uma expressão especial. Os dentes e as gengivas descobrem-se e parecem promptos a apanhar o objecto cobiçado; facto d'gno de nota, a expressão geral da physionomia se reproduz ao se pronunciar apenas a palavra assucar. Um de meus discipulos, o sabio professor Maignon, da Escola Veter'naria de Alfort, escreve-me ter visto, muitas vezes, os cavallos exprimirem o seu contentamento arreganhando o labio superior, movimento acompanhado geralmente do erguer da cabeça e distensão do pescoço. O homem tambem joga a cabeça para traz quando dá gargalhadas.

Em summa, parece que no cavallo e no cão são os mesmos musculos que exprimem o que os donos desses animaes chamam "o riso". Seria interessante utilizar a excitação electrica como meio de exploração da mimica dos animaes e seria ainda mais importante explorar tambem por esse meio o papel dos centros cerebraes que intervêm d'rectamente no mecanismo psycho-physiologico do riso animal. Seriam especialmente faceis no chimpanzé as pesquizas experimentaes dessa natureza.

Duchêne, de Boulogne, tinha um macaco domesticado que arreganhava levemente os cantos da bocca quando lhe offereciam uma gulodice: "era um sorriso de satisfação".

Darwin admittiu tambem a existencia do sorriso e mesmo do riso no macaco. Os chimpanzés, diz elle, têm diversas maneiras de exprimir suas sensações. Os chimpanzes novos fazem ouvir uma especie de latido como manifestação de alegria pela volta de uma pessoa querida. Avançam os labios para emittir esse som a que seus guardas chamam riso. Este movimento é commum, aliás, á

Riso de velho

expressão de diversas outras emoções; em todo caso, após observação feita, a fórma dos labios é um pouco differente, conforme o sentimento que exprime: o prazer ou a colera. Quando se faz cocegas num joven chimpanzé é principalmente sensivel a axilla, como na creança; articula então um riso contente ou um riso bastante caracteristico. E', no

Riso de creança

entanto, ás vezes, um riso mudo. Os cantos da bocca ficam puxados para traz, o que enxuga um pouco as palpebras inferiores, mas isso, que é um traço caracteristico do riso humano, observa-se melhor em outros macacos. Os dentes do maxillar superior não ficam a descoberto, o que, segundo Henri Coupin, distingue o riso do chimpanzé do nosso. Além disso, segundo W.-L. Martin, os olhos tornam-se, ao mesmo tempo, vivos e ma's brilhantes.

O RISO DA CREANÇA

O facto do chimpanzé não mostrar os dentes superiores quando ri, differencia-o realmente do homem adulto que tem quasi sempre o riso "aberto". A creança, que é como o macaco quadrumano e trepador, tem em geral o riso "*fechado*". A figura que estampamos mostra um bébé com a attenção despertada por uma borboleta de papel que o photographo amarrou num páo. O objecto, a principio immovel, é posto em movimento, e a machina vae registrando, ao mesmo tempo, as phases successivas da evolução do riso. E' o principio do film cinematographico empregado outr'ora pelo celebre physiolog'sta francez Marey, afim de analysar os movimentos diversos do vôo das aves, do andar do homem e dos animaes.

E' a infancia do riso e a bocca fecha-se como no cihmpanzé adulto (um dos nossos presumidos antepassados). O chimpanzé novo mostra tambem sua alegria, alongando os labios, como a creancinha que quer pegar o peito para mamar. E' o gesto de aprehender os alimentos, como os que descrevemos a proposito do cão e do cavallo. E' caso de perguntar se o riso não se origina antes nessa funcção de grande importancia que proporciona o prazer do paladar e sacia a fome, do que na respiração, como parece admittil-o Gratiolet. Póde servir de prova a essa these o princip'o exposto por Darwin no seu livro "A Expressão e as Emoções". Na sua opinião, os movimentos necessarios á satisfação de um desejo ou ao allivio de uma sensação penosa acabam, si se repetirem com frequencia, por se tornarem tão naturaes que se reproduzem todas as vezes que apparece esse desejo ou essa sensação, mesmo que seja em grão muito fraco e de ut'lidade nulla ou duvidosa.

Póde-se, pois, imaginar, que foi a acção de aprehender os alimentos e não a respiração, que deu origem á faculdade de rir. De mais a mais, é a bocca que tem o principal papel nessa funcção e não o nariz, por onde se respira o ar. Todas essas cons'derações, todas essas subtilezas dos psychologos subjectivos, introspectivos, muitas vezes nebulosos e parascientificos, não explicam o mecanismo physiologico e int'mo de explodir do riso sob a influencia de uma emoção. Raciocinando por analogia, póde-se dar uma explicação de ordem objectiva que me parece bastante acceitavel.

O MECANISMO DO CHORO E' ANALOGO AO DO RISO

Os musculos e os nervos do r'so estão, como se viu, muito proximos dos do riso: póde-se chorar de alegria e ter o riso triste e amargo; os hystericos, finalmente, riem e choram sem causa exterior apparente, alternativamente e mesmo simultaneamente. Tem-se, por isso, o d'reito de pensar que existe uma grande analogia entre o mecanismo physiologico e mesmo pathologico do riso e do choro.

Na minha nota de 22 de Abril de 1923 á Academia de Sciencias sobre as "Lagrimas e a funcção da Glandula Lacrymal" expliquei como se póde demonstrar experimentalmente que o choro é o resultado de uma auto-intoxicação. Essa descoberta não deveria causar surpresa alguma, pois os medicos antigos, pela observação clinica haviam chegado á conclusão que os "humores negros", os desgostos, a melancolia (dos dois vocabulos grecos : "melaina" negra e "chole", bilis) provêm da

"atrabilis" existente nos nossos humores (do latim "atra" negro e "bilis", bilis). Trata-se, pois, do que hoje chamamos uma auto-intoxicação. Não fiz mais do que dar a precisão necessaria a esta concepção empirica. As lagrimas e as convulsões caracteristicas que a acompanham são o resultado da actividade peculiar a uma toxina a que chamei "lacrymalina". E' destruida em parte na glandula lacrymal e em parte eliminada pelas lagrimas. A lacrymalina póde ser secretada instantaneamente e derramada logo na circulação sob a influencia de uma excitação emotiva, assim como o terror subito provoca a ictericia. E' sabido que a vida ou simplesmente a idéa de uma iguaria ou de um tempero como o vinagre, faz vir a agua á bocca de repente, derramar num estomago vasto um excesso de succo gastrico inteiramente desnecessario. E mais ainda, o rangido "agudo" de uma machina ou de uma ferramenta percebido pelos orgãos auditivos, dá o mesmo resultado.

Poderia se citar muitos outros exemplos de excitações psychicas de origem externa engendrando á distancia manifestações physiologicas ou pathologicas, taes como a nausea e vomitos e que, assim como o choro, só se explicam por uma auto-intoxicação. Por que não se daria o mesmo como o riso ? Observa-se este ultimo em certas doenças como a mania e as febres graves provocadas por toxinas: ri-se, então, como se espirra, como se tosse, como se choraminga. O sorriso apparece nas meningites, na febre typhoide; diz-se ás vezes que é sardonico (de "sardonea" ou "rainuncula scelerada"). Sobejam os factos que provam que o riso se dá por intoxicação mais ou menos passageira, como a do protoxydo de azoto, a que Humphy Davy deu o nome tão suggestivo de gaz "hilariante". Ha vinhos bons como o de Champagne; ha tambem muitos venenos de que os homens lançam mão para combater a tristeza: o alcool, o ether, o opio, a cocaina e todos os entorpecentes que, infelizmente não fazem rir ninguem. Talvez desapparecessem si se descobrisse o principio activo do riso, a "toxina hilariante", a antizoxina da lacrymalina ! E' possivel tambem que seja o mesmo factor a causa, ora do riso, ora das lagrimas, conforme as condições do meio em que age. E' sabido que o mesmo fermento, assim como póde quebrar uma mollecula chimica em pedacinhos, póde tambem reconstituil-a, soldando, por uma acção inversa, os seus fragmentos, conforme age num meio alcalino ou acido. Seria talvez para temer o abuso do riso, pois o riso continuo, como disse Lévêque, é menos supportavel do que a tristeza continua. Os animaes choram pouco e quasi não riem: quem sabe se não serão mais sensatos do que os homens ?

Crueldade

Destino, Destino !
você quer brincar de esconder ?
Por mais que eu pergunte
você não responde...

E' que você sabe como eu gostaria
de olhar um cantinho
bem longe daqui...
Tão longe que você nunca me encontrasse !
Ainda que fosse lá no fim do mundo !
Que bom si eu achasse...

Destino, eu lhe peço,
consinta que eu vá bem pra longe.
Não faz mal nenhum
que a gente se vá esconde ...

Por que não responde ? Por que ?

Mas si eu abalasse daqui
em toda a carreira,
fugindo depressa
pra onde você não pudesse saber ?
Você que fazia ?
Me diga...

Que grande besteira !
Sem duvida alguma
você correria até me pegar...
Pegava e judiava commigo,
judiava á vontade...

Destino, Destino !
você sempre foi máo pra mim.
E nunca mostrou um tiquinho de pena
por me ver chorar.

Eh, fosse eu correr !
Você me pegava e me dava pancadas
talvez bem maiores
que todas as outras
que sempre me deu...

Eh, fosse eu correr !
Eu sou tão pequeno !
Você corre mais, muito mais.
Você é maior do que eu...

BERYLLO DOLIVEIRA.

MODELO DO LINDO PRESEPE QUE *O TICO-TICO* VAE PUBLICAR ESTE ANNO

O MENINO JESUS

O Menino Jesus, no seu bercinho de palha, adorado pelos Reis magos e pelos pastores da Judéa, é o quadro que, pelo Natal, se expõe e se venera em toda parte, é o presepe tradicional, que a alma religiosa do povo cultua. Este anno, a exemplo do que sempre tem feito, "O Tico-Tico" encarregou habil artista no genero de confeccionar um maravilhoso presepe, de armar, que será publicado de modo a poderem os leitores e amigos tel-o armado antes do Natal.

Assim, já no proximo numero figurarão nas paginas centraes, coloridas, desta revista scenas e figuras do majestoso presepio de que a gravura acima dá uma idéa.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

CHAPÉOS ALTOS NUM CASAMENTO MUJIK

(FIM)

em homem, ella incendeia uma torre inimiga. Quando o panno se levanta, ella está de volta para Jerusalém, mas Tancredo, que a segue a cavallo sem suspeitar da sua identidade, persegue-a, detendo-a fóra da cidade. Os dois dão inicio ao combate, orando antes, enquadra o narrador da historia invoca os auspicios. Combatem até que Clorinda cae, recusando dizer o nome. Resolvem continuar o combate e, ferida mortalmente, pede o baptismo christão na sua agonia. Levantando-lhe a viseira para satisfazer o seu pedido, Tancredo reconhece a sua apaixonada e, contendo a sua dôr, elle a baptisa e ella morre.

A historia é tirada do poema famoso de Tasso, e a composição é feita á maneira de uma cantata-pantomima, no estylo heroico das balladas medievaes. A orchestração é notavel, com reminiscencias de Goldoni e Carlo Gozzi, á maneira das comedias feudaes.

A parte historica foi muito bem realizada. Outro tanto não se póde dizer dos scenarios, que não estavam absolutamente apropriados e que mais pareciam dignos de um theatro do interior do que do "Metropolitan Opera House. Edith Burmett, (Clorinda); Samuel Elliot, (Tancredo); Mme. Soudeikine e o Sr. Kullman como cantores, preencheram perfeitamente os respectivos papeis e foram muito applaudidos; o theatro estava repleto e foi grande o successo.

QUEM E' BARBARA KENT

(FIM)

vio, tirára "tests" de dezenas de artistas de nome. Queria uma nova heroina. Eis que ella lhe apparecia.

No dia seguinte, pelo telephone, uma voz lhe perguntava: "Harold Lloyd deseja saber se a senhora lhe póde conceder dez minutos de palestra". A mesma voz ainda accrescentou: "Elle pretende tambem tirar um "test" com a senhora". Chegará a vez do empurrão numero 6 — o maior de todos, aquelle que a fazia dansar de orgulho.

"Consegui o papel!" gritou ella á sua mãe, quando tornou á casa.

Barbara é viva, bem educada, elegante, ambiciosa, linda como um camafeu. Della se irradia o espirito dos grandes descampados. Ha estampada no seu rosto a frescura de uma "girl" dos campos combinada com o equilibrio de uma graduada de escola superior. Ajuizada, intelligente, energica, franca, ella está muito longe de pertencer á classe que o publico costuma designar como a classe das "bellas, mas ignorantes".

"Quando eu vivia no Canadá, o meu idolo cinematographico era Harold Lloyd. Então, eu faria tudo para conhecel-o. Mas lá não passavam muitos films de Horald Lloyd. O publico preferia os "westerns", e "westerns" eram os unicos films que se exhibiam".

"A idéa de entrar para o Cinema nunca me entrara na cabeça até o dia em que trocámos o Canadá pela California. Muito menos a idéa de me tornar heroina de Harold Lloyd. Aliás, ainda não pensára nisto mesmo, pouco depois de lhe ser apresentada. A maior emoção da minha vida experimentei-a quando me convidaram para ir ao seu estudio, vel-o".

"O meu maior desapontamento foi quando não consegui o papel de heroina em "Broadway", que a Universal ia filmar. Nesse dia, quando cheguei em casa, desandei a chorar. Pouco depois recebi a telephonema do estudio de Harold. E em dois segundos puzme a dansar como uma louca ou uma selvagem por toda a casa".

"Commigo foi sempre assim — as opportunidades vêm quando menos esradas são".

"O momento mais feliz da minha vida foi quando, ao visitar a minha terra, ha um anno mais ou menos, fui recebida pelo prefeito e pelo povo como qualquer celebridade de facto. Foi uma sensação extraordinaria para mim!"

E foi assim que a pequena dos longinquos campos do Canadá veiu a figurar na galeria que já contava com os nomes famosos de Bebe Daniels, Jobyna Ralston e Ann Christy, heroinas de Harold Lloyd

COMPLEMENTAÇÃO

Enlace Carmen Garcia — Acylino da Silveira

A historia intima do Theatro Guild

(FIM)

as allianças variam conforme os casos.

Durante estes dez annos endurecemo-nos nos mais violentos combates. Não se usa luvas nas batalhas de conselho, pois estabelecemos como base uma honestidade a toda prova e dahi tiramos nossas leis. Não pretendemos ser tomados por um grupo vivendo sempre em completa harmonia. Muitos de nós somos ou fomos em tempo artistas e a susceptilidade propria a essa especie está ainda viva em nós. Mas nestes annos de convivencia, aprendemos a respeitar a honestidade de cada um e a fazer o possivel para ouvir as criticas alheias sem amargura e tambem a fazel-as sem offender ninguem. Temos por principio e norma que o "Guild" deve passar em primeiro logar e está acima de questões individuaes. Temos como lei não escripta de que ninguem se póde valer do "Guild" para explorar um determinado talento e que todos, sem excepção, encontram acolhimento alli. Em outras palavras, trabalhamos para o "Guild" e não o "Guild" para nós. E' sem duvida essa a razão porque não nos endurecemos no egoismo proprio á gente de theatro. Apezar dessas divergencias apparentes, o exercito é unido e a bandeira-ideal do "Guild" é bastante grande para cobrir as que os seus membros levantam occasionalmente e bastante poderosa para, em caso de necessidade, fazel-as desapparecer.

N A B A H I A

Embarque para a America do Norte do Dr. Caio Moura e Exma. Esposa

O riso no homem e nos animaes

Rabelais (e antes delle muitos outros sem duvida) declarou categoricamente que "o riso é proprio do homem". Alphonse Karr foi mais longe: para o espirituoso autor das "Guêpes", o Homem é, de todos os animaes, o mais alegre; ou por outra, é o unico alegre, o unico que ri.

Teremos nós realmente o monopolio exclusivo do riso? E, mesmo admittindo que seja isto verdade, será razão para nos considerarmos não só como os animaes mais alegres do universo, como até os unicos que o sejam? Ha tantos modos de rir!

Vejamos o que diz sobre o caso, a psycho-physiologia comparada.

Em primeiro logar temos aqui um joven galgo a quem se offerece um pouco de assucar. O animal, as patas esticadas para a frente, olha a presa cobiçada. O labio superior arreganha-se numa especie de rictus: vêem-se os dentes e as gengivas e a bocca entreabre-se, prompta a agarrar o objecto cobiçado. As narinas dilatam-se; as orelhas como que atiradas para traz e abaixadas imprimem, com esse movimento, uma ligeira tracção sobre o angulo posterior do olho que adquire, nesse momento, uma expressão especial. A physionomia do animal toma o mesmo aspecto, quando a sua dona o olha e o acaricia, sorridente, sem lhe mostrar assucar ou tambem dizendo-lhe simplesmente que ria. Ella está persuadida que o seu cão ri e é essa a impressão que elle dá ás pessoas que o observam nesse momento.

Por um pedaço de assucar.

O MECANISMO DO RISO

No seu conhecido livro: "La Physionomie et les Mouvements d'expression", Gratiolet diz que o sorriso dos olhos existe nos animaes carnivoros; a sua causa, segundo elle, está na contracção dum pequeno musculo que age sobre o angulo externo do olho, e accrescenta: "Como se sabe, os cães têm o sorriso no mais alto grão". O sabio naturalista julgava que essa expansão alegre do rosto era, como no Homem, indicio da respiração livre e feliz que dá a inspiração do ar puro. Haveria assim no sorriso e, portanto, no riso mudo, uma certa relação entre a manifestação exterior da alegria pela mimica facial e a respiração. Isto torna-se evidente quando o riso explode. Dá-se, então, uma serie de pequenas expirações que, emquanto fracas, não impedem a inspiração, mas que muito seguidas e muito curtas, permittem apenas uma inspiração ruidosa e quasi convulsiva. Os factores desses movimentos são principalmente os musculos intercostaes internos, os dentados, os musculos da parede abdominal, isto é, os expiradores. Quando as contracções são muito frequentes e muito violentas, quando "nos rimos a bandeiras despregadas", sentimos uma dôr intercostal ou sacro-lombar bastante forte. Emfim, quando "rimos até chorar", as lagrimas pódem saltar dos olhos, e por ahi se vê que ha uma certa relação de origem entre a alegria e a dôr, do ponto de vista physiologico, já se vê...

RAPHAEL DUBOIS

da

Universidade de Lyon

A — musculo do riso.
B — musculo do chôro

Riso provocado pela electricidade.

Gargalhada de cachorro.

Cavallos risonhos.

Verdade é que o "musculo do chôro" que se chama o pequeno zygomatico está muito proximo ao "musculo da alegria", o grande zygomatico. Ambos fazem as suas inserções, de um lado, na arcada zygomatica que faz a ligação entre o osso da maçã do rosto e o temporal, e, do outro na face interna do orificio buccal. Todos dois são animados por ramificações proximas ao nervo facial, e as suas respectivas fibras motoras devem vir de pontos muito pertos de um mesmo centro do encephalo. As origens cerebraes do riso foram pouco ou mal estudadas do ponto de vista da psycho-physiologia experimental.

O mesmo não se dá com o mecanismo exterior, com a mimica do riso, que foi completamente elucidada por Duchêne, de Boulogne, por meio de excitações electricas dos musculos da face, especialmente do musculo grande zygomatico e dos feixes de musculos da palpebra inferior. Não contente de experimentar no homem vivo, reproduziu num cadaver a expressão do riso, mas de um riso macabro desesperadoramente triste, que não nos póde convencer de que o Homem póde ser alegre mesmo depois de ter perdido a vida.

O riso não é infallivelmente a consequencia da alegria, pois póde ser provocado por um movimento reflexo por cocegas, principalmente em baixo dos braços, podendo mesmo até certo ponto, se tornar penoso como a cocega na mucosa nasal que provoca o espirro. Isto seria mais uma prova da relação entre o riso e o acto respiratorio de que fala Gratiolet.

No cão o riso é quasi sempre silencioso. No entanto, H. Coupin publicou outr'ora no "Cosmos" a photographia de uma cadella "rindo ás gargalhadas".

O CARACTER REVELADO PELO RISO

Conheci uma cadella de caça que tinha o suave nome de Flora. Corria para seu dono, pulando alegremente, mostrando os lindos dentes brancos, emittindo ao mesmo tempo uma serie de sons muito semelhantes ao da vogal "i". Observou um escriptor que o riso em "i", "i", "i" é o das creanças e o das pessoas ingenuas; demonstram uma natureza prestativa, dedicada, porém timida, irresoluta. As louras riem em "i", isto não significa que sejam todas ingenuas, mas o riso de Flora harmonizava-se, não só com a côr do seu pello, como tambem com o caracter attribuido aos que riem em "i". Segundo o autor em questão, póde-se conhecer o caracter de uma pessoa pela sua maneira de rir. Os risos correspondem ás vogaes. As pessoas que riem em "a" são francas, inconstantes, amigas do barulho e do movimento. O riso em "e" é proprio dos fleugmaticos e dos melancolicos; em "o" indica a generosidade dos sentimentos, a ousadia de movimentos; cuidado, se a pessoa pertence ao sexo fraco! "Fugi como da peste ás pessoas que riem em "u"; são avarentas, hypocritas, misanthropre. Para essas os prazeres não têm encanto algum".

Pequenas risadas em dueto.

E' certo que a larynge, pelas suas cordas vocaes, que vibram no riso, faz parte tambem do seu apparelho psycho-physiologico, e como tal deveria ser estudado pelo methodo graphico, hoje tão aperfeiçoado, para o conhecimento da phonetica.

Os animaes, porém, possuem muitos outros meios além do riso, mudo ou ruidoso, para exprim'r sua alegria, o cão especialmente: delle disse Victor Hugo que "ri com a cauda e transpira com a lingua". Parece que Alphonse Karr nunca vira os cabritos pularem, fazendo as mais alegres piruetas, nem tampouco os gatinhos brincarem. Verdade é que os animaes parecem se tornar, com a idade, quasi todos sérios, o que nem sempre se dá com os homens. Estes, ás vezes, exprimem sua alegria pelo canto, que se caracteriza por movimentos rythmados da larynge e do apparelho respiratorio. Será o canto o riso do passaro? Algumas aves como o papagaio, o periquito, o corvo imitam na perfeição o som do r'so humano, mas é o riso dos tolos, que riem á tôa, sem discernimento, simplesmente para rir. Entretanto, segundo um observador digno de fé, nem sempre é assim. Possuia elle uma pêga muito intelligente que ria fazendo um som saccadés. Era ladra como todas as pêgas. Um dia, um visinho mostrou-lhe um broche de prata dourada, dizendo-lhe em desafio: "Jara, não a terás". A pêga, depois de certa hesitação, approxima-se da pessoa, pousa-se no braço e com uma pancada do bico no pollegar que segura a joia, fal-a cahir. Apanha-a incontinenti e vôa para o telhado; pousa o broche e depois põe-se a rir, escancarando o bico, emittindo sons curtos, em cascata. O dono dessa pêga caçoista poderia citar outros exemplos caracteristicos desse riso proposital, significativo e perfeitamente apropriado ás c'rcumstancias.

A EXPRESSÃO DO RISO NOS ANIMAES

Damos as photographias do cavallo de um empreiteiro que está convencido de que o seu animal ri. Quando lhe mostram um pouco de assucar, a bocca entreabre-se, o labio superior se arreganha com força, os cantos da bocca puxados para traz se levantam, emquanto que as orelhas se abaixam atiradas para traz. A abertura das palpebras alonga-se, os olhos tomam uma expressão especial. Os dentes e as gengivas descobrem-se e parecem promptos a apanhar o objecto cobiçado; facto d'gno de nota, a expressão geral da physionomia se reproduz ao se pronunciar apenas a palavra assucar. Um de meus discipulos, o sabio professor Maignon, da Escola Veter'naria de Alfort, escreve-me ter visto, muitas vezes, os cavallos exprimirem o seu contentamento arreganhando o labio superior, movimento acompanhado geralmente do erguer da cabeça e distensão do pescoço. O homem tambem joga a cabeça para traz quando dá gargalhadas.

Em summa, parece que no cavallo e no cão são os mesmos musculos que exprimem o que os donos desses animaes chamam "o riso". Seria interessante ut'lizar a excitação electrica como meio de exploração da mimica dos animaes e seria, ainda mais importante explorar tambem por esse meio, o papel dos centros cerebraes que intervêm d'rectamente no mecanismo psycho-physiologico do riso animal. Seriam especialmente faceis no chimpanzé as pesquizas experimentaes dessa natureza.

Duchêne, de Boulogne, tinha um macaco domesticado que arreganhava levemente os cantos da bocca quando lhe offerec'am uma gulodice: "era um sorriso de satisfação".

Darwin admittiu tambem a existencia do sorriso e mesmo do riso no macaco. Os chimpanzés, diz elle, têm diversas maneiras de exprimir suas sensações. Os chimpanzes novos fazem ouvir uma especie de latido como manifestação de alegria pela volta de uma pessoa querida. Avançam os labios para emittir esse som a que seus guardas chamam riso. Este movimento é commum, aliás, á

Riso de velho

expressão de diversas outras emoções; em todo caso, após observação feita, a fórma dos labios é um pouco differente, conforme o sentimento que exprime: o prazer ou a colera. Quando se faz cocegas num joven chimpanzé é principalmente sensivel a axilla, como na creança; articula então um riso contente ou um riso bastante caracteristico. E', no

Riso de creança

entanto, ás vezes, um riso mudo. Os cantos da bocca ficam puxados para traz, o que enxuga um pouco as palpebras inferiores, mas isso, que é um traço caracteristico do riso humano, observa-se melhor em outros macacos. Os dentes do maxillar superior não ficam a descoberto, o que, segundo Henri Coupin, distingue o riso do chimpanzé do nosso. Além disso, segundo W.-L. Martin, os olhos tornam-se, ao mesmo tempo, vivos e ma's brilhantes.

O RISO DA CREANÇA

O facto do chimpanzé não mostrar os dentes superiores quando ri, differencia-o realmente do homem adulto que tem quasi sempre o riso "aberto". A creança, que é como o macaco quadrumano e trepador, tem em geral o riso "fechado". A figura que estampamos mostra um bébé com a attenção despertada por uma borboleta de papel que o photographo amarrou num páo. O objecto, a principio immovel, é posto em movimento, e a machina vae registrando, ao mesmo tempo, as phases successivas da evolução do riso. E' o principio do film cinematographico empregado outr'ora pelo celebre physiolog'sta francez Marey, afim de analysar os movimentos diversos do vôo das aves, do andar do homem e dos animaes.

E' a infancia do riso e a bocca fecha-se como no cihmpanzé adulto (um dos nossos presumidos antepassados). O chimpanzé novo mostra tambem sua alegria, alongando os labios, como a creancinha que quer pegar o pe'to para mamar. E' o gesto de aprehender os alimentos, como os que descrevemos a proposito do cão e do cavallo. E' caso de perguntar se o riso não se origina antes nessa funcção de grande importancia que proporciona o prazer do paladar e sacia a fome, do que na respiração, como parece admittil-o Gratiolet. Póde servir de prova a essa these o princip'o exposto por Darwin no seu livro "A Expressão e as Emoções". Na sua opinião, os movimentos necessarios á satisfação de um desejo ou ao allivio de uma sensação penosa acabam, si se repetirem com frequencia, por se tornarem tão naturaes que se reproduzem todas as vezes que apparece esse desejo ou essa sensação, mesmo que seja em grão muito fraco e de ut'lidade nulla ou duvidosa.

Póde-se, pois, imaginar, que foi a acção de aprehender os alimentos e não a respiração, que deu origem á faculdade de rir. De mais a mais, é a bocca que tem o principal papel nessa funcção e não o nariz, por onde se respira o ar. Todas essas cons'derações, todas essas subtilezas dos psychologos subjectivos, introspectivos, muitas vezes nebulosos e parascientificos, não explicam o mecanismo physiologico e int'mo de explodir do riso sob a influencia de uma emoção. Raciocinando por analogia, póde-se dar uma explicação de ordem objectiva que me parece bastante acceitavel.

O MECANISMO DO CHORO E' ANALOGO AO DO RISO

Os musculos e os nervos do r'so estão, como se viu, muito proximos dos do riso: póde-se chorar de alegria e ter o riso triste e amargo; os hystericos, finalmente, riem e choram sem causa exterior apparente, alternativamente e mesmo simultaneamente. Tem-se, por isso, o d'reito de pensar que existe uma grande analogia entre o mecanismo physiologico e mesmo pathologico do riso e do choro.

Na minha nota de 22 de Abril de 1923 á Academia de Sciencias sobre as "Lagrimas e a funcção da Glandula Lacrymal" expliquei como se póde demonstrar experimentalmente que o choro é o resultado de uma auto-intoxicação. Essa descoberta não deveria causar surpresa alguma, pois os medicos antigos, pela observação clinica haviam chegado á conclusão que os "humores negros", os desgostos, a melancolia (dos dois vocabulos grecos: "melaina" negra e "chole", bilis) provêm da

CONSERVE A CUTIS JOVEN COM CERA MERCOLIZED

Faça desapparecer as imperfeições da sua cutis empregando regularmente cera mercolized. Adquira-a em sua pharmacia e use-a conforme as instrucções. A cera mercolized faz a pelle velha desprender-se em particulas imperceptiveis, e com esta todos os defeitos da têz, taes como sardas, manchas, etc. Desta maneira, a cutis recupera o seu aspecto natural, tornando a mostrar a formosura primitiva que com os annos se havia esmaecido.

OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horriveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. E' um remedio muito simples e tão agradavel como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o liquido obtido, empregando uma esponja ou um panno macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desappareceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

"atrabilis" existente nos nossos humores (do latim "atra" negro e "bilis", bilis). Trata-se, pois, do que hoje chamamos uma auto-intoxicação. Não fiz mais do que dar a precisão necessaria a esta concepção empirica. As lagrimas e as convulsões caracteristicas que a acompanham são o resultado da actividade peculiar a uma toxina a que chamei "lacrymalina". E' destruida em parte na glandula lacrymal e em parte eliminada pelas lagrimas. A lacrymalina póde ser secretada instantaneamente e derramada logo na circulação sob a influencia de uma excitação emotiva, assim como o terror subito provoca a ictericia. E' sabido que a vida ou simplesmente a idéa de uma iguaria ou de um tempero como o vinagre, faz vir a agua á bocca de repente, derramar num estomago vasto um excesso de succo gastrico inteiramente desnecessario. E mais ainda, o rangido "agudo" de uma machina ou de uma ferramenta percebido pelos orgãos auditivos, dá o mesmo resultado.

Poderia se citar muitos outros exemplos de excitações psychicas de origem externa engendrando á distancia manifestações physiologicas ou pathologicas, taes como a nausea e vomitos e que, assim como o choro, só se explicam por uma auto-intoxicação. Por que não se daria o mesmo como o riso? Observa-se este ultimo em certas doenças como a mania e as febres graves provocadas por toxinas: ri-se, então, como se espirra, como se tosse, como se choraminga. O sorriso apparece nas meningites, na febre typhoide; diz-se ás vezes que é sardonico (de "sardonea" ou "rainuncula scelerada"). Sobejam os factos que provam que o riso se dá por intoxicação mais ou menos passageira, como a do protoxydo de azoto, a que Humphy Davy deu o nome tão suggestivo de gaz "hilariante". Ha vinhos bons como o de Champagne; ha tambem muitos venenos de que os homens lançam mão para combater a tristeza: o alcool, o ether, o opio, a cocaina e todos os entorpecentes que, infelizmente não fazem rir ninguem. Talvez desapparecessem si se descobrisse o principio activo do riso, a "toxina hilariante", a antizoxina da lacrymalina! E' possivel tambem que seja o mesmo factor a causa, ora do riso, ora das lagrimas, conforme as condições do meio em que age. E' sabido que o mesmo fermento, assim como póde quebrar uma mollecula chimica em pedacinhos, póde tambem reconstituil-a, soldando, por uma acção inversa, os seus fragmentos, conforme age num meio alcalino ou acido. Seria talvez para temer o abuso do riso, pois o riso continuo, como disse Lévêque, é menos supportavel do que a tristeza continua. Os animaes choram pouco e quasi não riem: quem sabe se não serão mais sensatos do que os homens?

Crueldade

Destino, Destino!
você quer brincar de esconder?
Por mais que eu pergunte
você não responde...

E' que você sabe como eu gostaria
de olhar um cantinho
bem longe daqui...
Tão longe que você nunca me encontrasse!
Ainda que fosse lá no fim do mundo!
Que bom si eu achasse...

Destino, eu lhe peço,
consinta que eu vá bem pra longe.
Não faz mal nenhum
que a gente se vá esconde ...

Por que não responde? Por que?

Mas si eu abalasse daqui
em toda a carreira,
fugindo depressa
pra onde você não pudesse saber?
Você que fazia?
Me diga...

Que grande besteira!
Sem duvida alguma
você correria até me pegar...
Pegava e judiava commigo,
judiava á vontade...

Destino, Destino!
você sempre foi máo pra mim.
E nunca mostrou um tiquinho de pena
por me ver chorar.

Eh, fosse eu correr!
Você me pegava e me dava pancadas
talvez bem maiores
que todas as outras
que sempre me deu...

Eh, fosse eu correr!
Eu sou tão pequeno!
Você corre mais, muito mais.
Você é maior do que eu...

BERYLLO DOLIVEIRA.

MODELO DO LINDO PRESEPE QUE *O TICO-TICO* VAE PUBLICAR ESTE ANNO

O MENINO JESUS

O Menino Jesus, no seu bercinho de pallia, adorado pelos Reis magos e pelos pastores da Judéa, é o quadro que, pelo Natal, se expõe e se venera em toda parte, é o presepe tradicional, que a alma religiosa do povo cultua. Este anno, a exemplo do que sempre tem feito, "O Tico-Tico" encarregou habil artista no genero de confeccionar um maravilhoso presepe, de armar, que será publicado de modo a poderem os leitores e amigos tel-o armado antes do Natal.

Assim, já no proximo numero figurarão nas paginas centraes, coloridas, desta revista scenas e figuras do majestoso presepio de que a gravura acima dá uma idéa.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

CHAPÉOS ALTOS NUM CASAMENTO MUJIK

(FIM)

em homem, ella incendeia uma torre inimiga. Quando o panno se levanta, ella está de volta para Jerusalém, mas Tancredo, que a segue a cavallo sem suspeitar da sua identidade, persegue-a, detendo-a fóra da cidade. Os dois dão inicio ao combate, orando antes, enquadra o narrador da historia invoca os auspicios. Combatem até que Clorinda cae, recusando dizer o nome. Resolvem continuar o combate e, ferida mortalmente, pede o baptismo christão na sua agonia. Levantando-lhe a viseira para satisfazer o seu pedido, Tancredo reconhece a sua apaixonada e, contendo a sua dôr, elle a baptisa e ella morre.

A historia é tirada do poema famoso de Tasso, e a composição é feita á maneira de uma cantata-pantomima, no estylo heroico das balladas medievaes. A orchestração é notavel, com reminiscencias de Goldoni e Carlo Gozzi, á maneira das comedias feudaes.

A parte historica foi muito bem realizada. Outro tanto não se póde dizer dos scenarios, que não estavam absolutamente apropriados e que mais pareciam dignos de um theatro do interior do que do "Metropolitan Opera House. Edith Burmett, (Clorinda); Samuel Elliot, (Tancredo); Mme. Soudeikine e o Sr. Kullman como cantores, preencheram perfeitamente os respectivos papeis e foram muito applaudidos; o theatro estava repleto e foi grande o successo.

QUEM E' BARBARA KENT

(FIM)

vio, tirára "tests" de dezenas de artistas de nome. Queria uma nova heroina. Eis que ella lhe apparecia.

No dia seguinte, pelo telephone, uma voz lhe perguntava: "Harold Lloyd deseja saber se a senhora lhe póde conceder dez minutos de palestra". A mesma voz ainda accrescentou: "Elle pretende tambem tirar um "test" com a senhora". Chegará a vez do empurrão numero 6 — o maior de todos, aquelle que a fazia dansar de orgulho.

"Consegui o papel!" gritou ella á sua mãe, quando tornou á casa.

Barbara é viva, bem educada, elegante, ambiciosa, linda como um camafeu. Della se irradia o espirito dos grandes descampados. Ha estampada no seu rosto a frescura de uma "girl" dos campos combinada com o equilibrio de uma graduada de escola superior. Ajuizada, intelligente, energica, franca, ella está muito longe de pertencer á classe que o publico costuma designar como a classe das "bellas, mas ignorantes".

"Quando eu vivia no Canadá, o meu idolo cinematographico era Harold Lloyd. Então, eu faria tudo para conhecel-o. Mas lá não passavam muitos films de Horald Lloyd. O publico preferia os "westerns", e "westerns" eram os unicos films que se exhibiam".

"A idéa de entrar para o Cinema nunca me entrara na cabeça até o dia em que trocámos o Canadá pela California. Muito menos a idéa de me tornar heroina de Harold Lloyd. Aliás, ainda não pensára nisto mesmo, pouco depois de lhe ser apresentada. A maior emoção da minha vida experimentei-a quando me convidaram para ir ao seu estudio, vel-o".

"O meu maior desapontamento foi quando não consegui o papel de heroina em "Broadway", que a Universal ia filmar. Nesse dia, quando cheguei em casa, desandei a chorar. Pouco depois recebi a telephonema do estudio de Harold. E em dois segundos puzme a dansar como uma louca ou uma selvagem por toda a casa".

"Commigo foi sempre assim — as opportunidades vêm quando menos esradas são".

"O momento mais feliz da minha vida foi quando, ao visitar a minha terra, ha um anno mais ou menos, fui recebida pelo prefeito e pelo povo como qualquer celebridade de facto. Foi uma sensação extraordinaria para mim!"

E foi assim que a pequena dos longinquos campos do Canadá veiu a figurar na galeria que já contava com os nomes famosos de Bebe Daniels, Jobyna Ralston e Ann Christy, heroinas de Harold Lloyd

Officinas Graphicas d'O MALHO